

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ
ESCOLA DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO E DOUTORADO EM TEOLOGIA – PPGT**

ISADORA MARIA OLIVEIRA SOUZA

**A COMPAIXÃO E A MISERICÓRDIA EM LUCAS 10, 25-37: ANÁLISE
TEOLÓGICA DA MISERICÓRDIA COMO ESTILO DE VIDA**

CURITIBA

2024

ISADORA MARIA OLIVEIRA SOUZA

**A COMPAIXÃO E A MISERICÓRDIA EM LUCAS 10,25-37: ANÁLISE TEOLÓGICA
DA MISERICÓRDIA COMO ESTILO DE VIDA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em Teologia -
PPGT da Pontifícia Universidade Católica do
Paraná como requisito parcial para obtenção
do título de mestre em Teologia.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Alexandre Solano
Rossi

**CURITIBA
2024**

ISADORA MARIA OLIVEIRA SOUZA

**A COMPAIXÃO E A MISERICÓRDIA EM LUCAS 10,25-37: ANÁLISE TEOLÓGICA
DA MISERICÓRDIA COMO ESTILO DE VIDA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em Teologia -
PPGT da Pontifícia Universidade Católica do
Paraná como requisito parcial para obtenção
do título de mestre em Teologia.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Alexandre Solano
Rossi

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Fabrizio Zandonadi Catenassi
Pontifícia Universidade Católica do Paraná

Prof. Dr. Adriano Sousa Lima
Faculdade Batista do Paraná

Curitiba, 05 de Março de 2024.

ATA DA SESSÃO PÚBLICA DE EXAME DE DISSERTAÇÃO N.º 005.2024
DEFESA PÚBLICA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

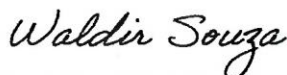
Aos cinco dias de março de dois mil e vinte e quatro, reuniu-se às dezesseis horas, a Banca Examinadora constituída pelos docentes: Prof. Dr. Luiz Alexandre Solano Rossi, Prof. Dr. Adriano Sousa Lima, Prof. Dr. Fabrizio Zandonadi, para examinar a Dissertação da mestrand **Isadora Maria de Oliveira Souza**, ano de ingresso 2022, aluna do Programa de Pós-Graduação em Teologia, Área de concentração: Exegese e Teologia Bíblica - Linha de Pesquisa: "Análise e Interpretação da Sagrada Escritura". A mestrand apresentou a dissertação intitulada "**A COMPAIXÃO E A MISERICÓRDIA EM LUCAS 10, 25-37: ANÁLISE TEOLÓGICA DA MISERICÓRDIA COMO ESTILO DE VIDA**". A candidata fez uma exposição sumária da dissertação, em seguida procedeu-se à arguição pelos Membros da Banca e, após a defesa, foi **aprovada** pela Banca Examinadora, com indicação de publicação. A sessão encerrou-se às 17:30h. Para constar, lavrou-se a presente Ata, que segue assinada pelo presidente da Banca Examinadora e pela coordenação do Programa. Os avaliadores participaram da banca de Defesa de Dissertação por videoconferência e estão de acordo com termos acima.



Prof. Dr. Luiz Alexandre Solano Rossi - Presidente/Orientador

Prof. Dr. Adriano Sousa Lima - Convidado Externo

Prof. Dr. Fabrizio Zandonadi - Convidado Interno



Prof. Dr. Waldir Souza

Coordenador interino do Programa de Pós-Graduação em Teologia
Stricto Sensu



Dados da Catalogação na Publicação
Pontifícia Universidade Católica do Paraná
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/PUCPR
Biblioteca Central
Luci Eduarda Wielganczuk – CRB 9/1118

Souza, Isadora Maria Oliveira
S729c A compaixão e a misericórdia em Lucas 10,25-37 : análise teológica da
2024 misericórdia como estilo de vida / Isadora Maria Oliveira Souza ; orientador: Luiz
Alexandre Solano Rossi. – 2024.
79 f. ; 30 cm

Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba,
2024

Bibliografia: f. 76-79

1. Teologia. 2. Bíblia. N.T. Lucas. 3. Compaixão. 4. Misericórdia. 5. Jesus
Cristo – Parábolas. I. Rossi, Luiz Alexandre Solano. II. Pontifícia Universidade
Católica do Paraná. Programa de Pós-Graduação em Teologia. III. Título.

CDD 20. ed. – 230

Ao Deus Trino, rico em Misericórdia.

À minha mãe Maria José, cuja vida é milagre da Divina Misericórdia.
Ao meu pai Donizetti.

Aos meus mestres, Prof. Dr. Jesus Antônio Durigan (in memoriam) e
Monsenhor Jonas Abib (in memoriam).

Aos meus alunos de ontem, de hoje e de amanhã.

À todos que foram assaltados, espancados e tidos como
semimortos nos caminhos da vida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus Trino: Pai, Filho e Espírito Santo que na Sua insondável Providência, me agraciou com a realização deste sonho, dando-me condições e meios neste percurso.

Ao Diácono e Prof. Me. Márcio J. Pelinski, que como meu orientador de TCC na graduação em Teologia da Uninter, não passou adiante daquilo que viu: uma pessoa com possibilidade de seguir em frente na pesquisa, de chegar ao Mestrado. Agradeço pelas inúmeras ações benéficas até aqui.

Ao Prof. Dr. Ildo Perondi pela acolhida, apoio, contribuições e incentivos, no primeiro ano desta pesquisa, como orientador. Ao Prof. Dr. Luiz Alexandre S. Rossi pela acolhida, sugestões e auxílio, como orientador na segunda fase desta pesquisa.

Aos avaliadores Prof. Dr. Adriano Sousa Lima e Prof. Dr. Fabrício Z. Catenassi, pelas fundamentais contribuições para o aprimoramento deste estudo.

À Capes, pelos auxílios concedidos, que possibilitaram a realização desta etapa.

Ao Jefferson Santos, secretário do PPGT, e aos colaboradores da Biblioteca da PUCPR pelos serviços prestados.

Aos professores e colegas do PPGT da PUCPR pelos ricos aprendizados e partilhas.

A minha irmã Isabela, pela inspiração ao estudo. Ao Programa de Iniciação Científica da Uninter, na pessoa da Profa. Sandra Ribeiro pelo incentivo à produção acadêmica.

À minha mãe Maria José de Oliveira, por estar presente. Agradeço pela oportunidade de vida e saúde que Deus deu a ela, sobretudo nestes últimos dois anos.

Ao meu pai Donizette, às minhas sobrinhas Liz e Yasmin, à minha avó Isabel, ao meu irmão Pedro, aos meus cunhados Gabriel e Letícia, por estarem presentes, pelo apoio e por se alegrarem com a minha construção e produção acadêmica.

À minha irmã gêmea Isaura, à minha amiga Marta, à psicóloga Patrícia Assumpção, ao Pe. Márcio Rigolin, meus bons samaritanos nos caminhos da vida.

Aos meus amigos Renan Amorim e Everton Alves, por me proporcionarem a certeza de que o caminho seria possível, mesmo com todas as demandas envolvidas.

Ao Instituto Secular Servas de Jesus Sacerdote, pelo apoio e orações.

Ao Convento Franciscano Santa Maria do Anjos, na pessoa do Frei Eduardo e do Frei Aécio, pela acolhida e primeira oportunidade de colocar em prática o estudo realizado.

Ao Cearp, na pessoa do Pe. Círio Alessandro Jacinto, pela acolhida, confiança e pela oportunidade de ser docente de Teologia; tendo a certeza de que o caminho não acaba aqui, ele inicia.

“É preciso deixar-se interromper pelo
sofrimento dos outros”.
(Mariani, 2013, p. 852)

“O fogo e a água não podem ser
unidos, porque ou o fogo se apaga, ou o
gelo se derrete. Mas a Vossa misericórdia,
ó Deus, pode auxiliar indigência ainda
maiores”.
(Kowalska, 1995, p. 319)

RESUMO

A dissertação estuda a relação da compaixão e misericórdia presentes na perícope de Lc 10, 25-37, onde está inserida a parábola do bom samaritano. Lucas apresenta Jesus como sendo ele próprio a expressão da misericórdia de Deus. É no seu modo de agir que se percebe a atitude misericordiosa diante das pessoas, sobretudo, as mais necessitadas e marginalizadas. Na parábola encontramos um paradigma de como se pode ou não experimentar a compaixão e exercer a misericórdia diante da pessoa caída e ferida. O objetivo da presente dissertação é analisar a mensagem de compaixão e misericórdia contida na perícope, relacionando-a com textos específicos sobre o tema do papa Francisco. Como objetivos específicos, a pretensão é conhecer aspectos do Evangelho de Lucas e a proposta de Jesus para uma autêntica vivência do projeto de Deus, caracterizado pela compaixão e misericórdia. E ainda, relacionar a bondade de Deus manifestada na conduta do bom samaritano e atualizar a conduta esperada em relação às pessoas “semimortas” à beira dos caminhos, a partir das Obras de Misericórdia Corporais e Espirituais. A análise bíblico-teológica se apresenta a partir dos contextos fundamentais do evangelho de Lucas, comentário bíblico-teológico de Lc 10, 25-37, através da análise e compreensão da compaixão e misericórdia na Bula de Proclamação do Jubileu Extraordinário da Misericórdia, a *Misericordiae Vultus*, e da Encíclica *Fratelli Tutti*, do papa Francisco. A análise realizada nesta pesquisa, provou que existe essa possibilidade através da conduta do bom samaritano, onde as suas ações demonstram que é possível e é preciso que haja cristãos que sentem compaixão e ajam com misericórdia diante daqueles semimortos encontrados nos caminhos da vida. As ações do bom samaritano da parábola, em consonância aos apelos de Francisco contidos em suas mensagens nos documentos analisados, levam a compreensão de que a prática da misericórdia é elemento constitutivo da vida cristã. Espera-se que com esta pesquisa, seja ecoado isso: não é possível ser cristão e não ser misericordioso, e não se deixar interromper nos caminhos da vida, pelo sofrimento dos outros encontrados nos caminhos da vida.

Palavras-chave: compaixão; misericórdia; bom samaritano; *Misericordiae Vultus*; *Fratelli Tutti*.

ABSTRACT

The dissertation studies the relationship between compassion and mercy present in the pericope of Luke 10, 25-37, where the parable of the good Samaritan is inserted. Luke presents Jesus as himself the expression of God's mercy. It is in his way of acting that we can see his merciful attitude towards people, especially those most in need and marginalized. In the parable we find a paradigm of how one can or cannot experience compassion and exercise mercy towards the fallen and injured person. The objective of this dissertation is to analyze the message of compassion and mercy contained in the pericope, relating it to specific texts on the topic of Pope Francis. As specific objectives, the aim is to understand aspects of Luke's Gospel and Jesus' proposal for an authentic experience of God's project, characterized by compassion and mercy. And also, relate the goodness of God manifested in the conduct of the good Samaritan and update the expected conduct in relation to "half-dead" people on the side of the paths, based on the Corporal and Spiritual Works of Mercy. The biblical-theological analysis is presented from the fundamental contexts of the gospel of Luke, biblical-theological commentary on Lc 10, 25-37, through the analysis and understanding of compassion and mercy in the Bull of Proclamation of the Extraordinary Jubilee of Mercy, the *Misericordiae Vultus*, and the Encyclical *Fratelli Tutti*, by Pope Francis. The analysis carried out in this research proved that this possibility exists through the conduct of the good Samaritan, where his actions demonstrate that it is possible and necessary for there to be Christians who feel compassion and act with mercy towards those half-dead found on the paths of life. The actions of the good Samaritan in the parable, in line with Francis' appeals contained in his messages in the documents analyzed, lead to the understanding that the practice of mercy is a constitutive element of Christian life. It is hoped that this research will echo this: it is not possible to be a Christian and not be merciful, and not allow yourself to be interrupted on the paths of life, by the suffering of others encountered on the paths of life.

Keywords: compassion; compassion; Good Samaritan; *Misericordiae Vultus*; *Fratelli Tutti*.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Comparação dos evangelhos sinóticos: Lc 10, 25-28; Mc 12, 28-31; Mt 22, 34-40.....	25
Quadro 2 - Obras de misericórdia presentes na perícope.....	59

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

2 Tm Segunda Carta a Timóteo

2Rs Segundo Livro de Reis

a.C. Antes de Cristo

At Livros dos Atos dos Apóstolos

BJ Bíblia de Jerusalém

cf. Confira

Cl Carta aos Colossenses

CNBB Conferência Nacional dos Bispos do Brasil

Dt Livro do Deuteronômio

Fm Carta a Filemon

Jo Evangelho segundo João

Lc Evangelho segundo Lucas

Lv Livro do Levítico

Mt Evangelho segundo Mateus

n.p. Não paginado

NT Novo Testamento

p. Página

pp. Páginas

ss Seguinte

v. Versículo

vv. Versículos

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	11
2. EVANGELHO DE LUCAS: CONCEITOS, TEMAS E CONTEXTOS.....	13
2.1 EVANGELHOS.....	13
2.2 O EVANGELHO DE LUCAS	14
2.3 ESTILO.....	15
2.4 SOBRE O EVANGELISTA LUCAS.....	18
2.5 OBRA LUCANA.....	19
2.6 FONTES DE LUCAS	20
2.7 COMUNIDADE RECEPTORA DO EVANGELHO	21
2.8 A QUESTÃO SINÓTICA	23
2.9 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	26
2.10 A COMPAIXÃO E A MISERICÓRDIA NO EVANGELHO DE LUCAS	29
3. ANÁLISE BÍBLICO-TEOLÓGICA DE LUCAS 10,25-37.....	31
3.1 VERSÍCULOS 25-29 – O CONFLITO COM O LEGISTA.....	32
3.2 VERSÍCULOS 30-32 - OS ASSALTANTES, O HOMEM, O SACERDOTE E O LEVITA	37
3.3 VERSÍCULOS 33-35 – AS AÇÕES DO BOM SAMARITANO.....	42
3.4 VERSÍCULOS 36-37 - CONCLUSÃO DA PARÁBOLA E DA CONVERSA COM O LEGISTA.....	49
4. COMPAIXÃO E MISERICÓRDIA À LUZ DAS MENSAGENS DO PAPA FRANCISCO	52
4.1 NA MISERICORDIAE VULTUS.....	52
4.2 NO CAPÍTULO II DA FRATELLI TUTTI	62
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	73
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	75

1. INTRODUÇÃO

A perícope de Lucas 10, 25-37, caracterizada pelo diálogo entre o legista e Jesus, é uma demonstração muito significativa sobre o primeiro Mandamento, interpretado na parábola à luz dos conceitos de compaixão e misericórdia. A justificativa e, portanto, a relevância da análise da perícope cresce à medida em que o evangelista Lucas é o único a registrá-la, além da grande recorrência desta ao longo da história e, sobretudo, na última década com o papa Francisco fomentando o tema da compaixão e da misericórdia, desde o início de seu pontificado, quando proclamou o Jubileu Extraordinário da Misericórdia, vivido entre dezembro de 2015 a novembro de 2016. Recentemente, em 4 de outubro de 2020, com a publicação de sua terceira encíclica, a *Fratelli Tutti*, ele dedicou o segundo capítulo a esta parábola para enfatizar que, se queremos viver a amizade social, pautada na misericórdia e compaixão, precisamos seguir o modelo do bom samaritano.

O objetivo geral dessa dissertação é analisar o conceito de compaixão e misericórdia contido na perícope e suas relações e formas de apropriação relativamente aos textos do papa Francisco relacionados ao tema. Como objetivos específicos pretende-se conhecer aspectos do Evangelho de Lucas e a proposta de Jesus para uma autêntica vivência do projeto de Deus caracterizado pela misericórdia e compaixão. E ainda, relacionar a bondade de Deus manifestada no procedimento do bom samaritano e atualizar a conduta esperada em relação às pessoas “semimortas” à beira dos caminhos, a partir das Obras de Misericórdia Corporais e Espirituais, e das ações de misericórdia presentes nos textos do papa Francisco que culminam num estilo de vida que produz uma cultura de misericórdia.

Para realizar a pesquisa foi utilizado o método histórico e teológico. Com o nível histórico buscou-se analisar e conhecer o contexto em que surgiu o evangelho de Lucas, seu autor e destinatários, bem como a forma do texto através da análise, utilizando os estudos e comentários do evangelho de Lucas. No nível teológico e hermenêutico, foi realizada a atualização do texto para a realidade atual com reflexões sobre a misericórdia como estilo de vida. Sendo a pesquisa de natureza bibliográfica, foram usadas obras dos principais biblistas sobre o Evangelho de Lucas e sobre a misericórdia. O papa Francisco desde o início de seu Pontificado tem se dedicado ao tema, o que o torna fonte de consultas. Especificamente utilizamos nessa dissertação

a Bula de Proclamação do Jubileu Extraordinário da Misericórdia, a *Misericordiae Vultus*, e a sua Encíclica *Fratelli Tutti*.

No primeiro capítulo a proposta é apresentar o Evangelho de Lucas a partir de seu contexto histórico e social, suas fontes para a composição de sua redação, a teologia do texto, os receptores de sua mensagem e a estrutura do texto. Investiga-se, também, a questão sinótica a fim de comparar os evangelhos de Lucas, Marcos e Mateus, em que ocorrem o mesmo diálogo entre o legista e Jesus. E ainda, uma compreensão externa através dos estudos realizados especificamente em relação à perícopes Lc 10, 25-37, com notoriedade no âmbito acadêmico. No final do capítulo é tratada a questão da misericórdia destacadas pelo evangelista, já com proximidade ao objetivo em questão que será focado no capítulo seguinte.

No segundo capítulo destaca-se a análise bíblico-teológica de Lc 10, 25-37, privilegiando uma análise em três seções, a saber: versos 25-29 em que se investiga o conflito com o doutor da Lei; versos 30-32 em que se destaca os assaltantes, o homem, o sacerdote e levita; os versos 33-35 enfatizam a ação do samaritano, considerada o núcleo principal para análise no presente estudo e, finalmente, os versos 36-37 que apresenta o desfecho da parábola e da conversa com o legista.

No terceiro capítulo realizou-se uma aproximação teológica e hermenêutica das palavras compaixão e misericórdia à luz dos documentos *Misericordiae Vultus* e *Fratelli Tutti*, atualizando-as para uma possível prática pastoral que contribua como possibilidade de construção de um novo estilo de vida.

A pesquisa, portanto, visa contribuir para a compreensão bíblica, mas sobretudo, numa perspectiva pastoral, uma vez que “sublimar a importância da misericórdia divina à luz da situação atual representa uma enorme provocação para a teologia”. (Kasper, 2012, p. 23). De fato, não nos encontramos apenas diante de uma temática importante, mas, acima de tudo, uma temática constituinte da vida cristã.

2. EVANGELHO DE LUCAS: CONCEITOS, TEMAS E CONTEXTOS

O Evangelho de Lucas apresenta um Jesus misericordioso diante das necessidades das pessoas que se encontram em plena situação de vulnerabilidade, e ao mesmo tempo, quer ensinar àqueles que se colocam no seguimento de Jesus, a assumirem o estilo de vida misericordioso de Jesus.

2.1 EVANGELHO

A palavra ‘Evangelho’, oriunda da antiga língua grega, significa ‘Boa Notícia’ ou ‘alegre notícia’. Mas não se trata de uma palavra criada pelos evangelistas. Mosconi (1997, p. 16) observa que: “Na época de Jesus e das primeiras comunidades esta palavra era bastante utilizada nos palácios dos poderosos; servia para saudar pessoas importantes. O imperador romano era recebido como ‘o evangelho’, a maior boa notícia”.

Porém, deve-se salientar que não se trata do evangelho do poder imperial e muito menos da proclamação do reinado de César, mas sim, do reinado de Deus. Por isso, é possível reiterar a percepção de Simões (2017, p. 30), ao afirmar que: “Jesus é aquele que veio instaurar o reino de Deus, trazendo paz e salvação, como dito em Isaías; e é também o evento da Boa Nova para todas as pessoas – mais do que qualquer proclamação de boas notícias imperiais ou militares, ele é a Boa Nova em pessoa”.

Brown e Coenen (2000, p. 761) enfatizam que o Novo Testamento traz a percepção que o próprio Jesus Cristo é e traz a mensagem de salvação:

a pergunta realmente decisiva não é se o próprio Jesus empregava a palavra *euangelion*, mas se esta palavra é apropriada à substância da Sua mensagem. Não há dúvida de que Jesus encarava Sua mensagem do Reino de Deus vindouro (Mc 1:14), que já está presente nas Suas palavras e ações, como sendo boas novas. ‘Bem-aventurados, porém, os vossos olhos, porque veem; e os vossos ouvidos porque ouvem’ (Mt 13:16). Esta mensagem de alegria já não se deve separar do mensageiro que a traz, e este mensageiro é o próprio Jesus (cf. Lc 11:20; Mt 5:1-2; cf. TDNT II 728-9). Além disto, Ele aparece não somente como o mensageiro e autor da mensagem, como também ao mesmo tempo, o assunto dela, Aquele de Quem a mensagem conta. É, portanto, perfeitamente consistente quando a igreja cristã primitiva retoma o termo *euangelion* para descrever a mensagem da salvação que se liga à vinda de Jesus.

Nessa perspectiva é necessário considerar que os evangelhos constituem o centro hermenêutico que dá sentido para as Escrituras dentro do mundo cristão, uma vez que o acontecimento Jesus Cristo, assim como visto e interpretado pelos evangelistas, dá os fundamentos para a interpretação teológica da Bíblia (Catenassi e Perondi, 2019).

E vale recordar que são através deles que os evangelistas Mateus, Marcos, Lucas e João, muito contribuíram revelando a essência da Boa Nova: Jesus e o seu reino. O enfoque desta pesquisa está no evangelista Lucas, especificamente na parábola registrada em 10, 25-37.

2.2 O EVANGELHO DE LUCAS

Jesus veio cumprir a verdadeira Boa Notícia. Sendo assim, cada autor se dedicou a contar a história dele a partir de diversos estilos literários e com suas formas de escrever e de contar. São quatro evangelhos e evangelistas e Lucas¹ se difere dos demais evangelistas porque ele não conheceu Jesus pessoalmente. Portanto, não recebeu dele as mensagens, vivências, a transmissão oral de seus ensinamentos.

Karris (2011, p. 224) enfatiza que Lucas narra eventos que enfocam a salvação humana. Por isso, ele traz a promessa-cumprimento, sobretudo no início do evangelho. Por exemplo, no anúncio do nascimento de João Batista (1,5-25), na anunciação do anjo Gabriel a Maria (1,26-32). Assim, Lucas procura mostrar como as promessas de salvação foram cumpridas em Jesus, sobretudo para os pobres e portadores de diversas necessidades. Sendo assim, “Lucas utilizou tradições para criar sua abertura. Mas as interpretou maravilhosamente e com uma fé profunda na fidelidade de Deus à promessa, por meio dos pronunciamentos de Gabriel, Maria, Zacarias, do anjo e Simeão” (KARRIS, 2011, p. 224). Portanto, para o evangelista, tudo parte de Deus e por isso, “a obra de Lucas articula assim ‘a palavra’ e ‘os acontecimentos’” (Bovon, 1985, p. 269).

¹ É de consenso de vários estudiosos que Lucas foi o autor do terceiro Evangelho. (KARRIS, 2011, p. 217). (MOSCONI, 1997, p. 41). E essa dissertação tem como tema uma perícopes que só consta no Evangelho de Lucas (Lc 10, 25-37).

Lucas não apresenta uma cronologia da vida de Jesus, mas se preocupa em juntar um fato com o outro. Por exemplo, a promessa do batismo no Espírito de João ainda no ventre materno: “Pois ele será grande diante do Senhor; não beberá vinho, nem bebida embriagante; ficará pleno do Espírito Santo ainda no seio de sua mãe...”. (Lc 1,15b); e mais adiante acontece o seu cumprimento na visita de Maria a Isabel: “Pois quando tua saudação chegou aos meus ouvidos, a criança estremeceu de alegria em meu ventre”. (Lc 1,44). Trata-se de promessa-cumprimento, mas, também, de dar sentido e nexo ao texto.

2.3 ESTILO

Na análise da obra de Lucas, especificamente em seu evangelho, como ele mesmo indica no Prólogo (Lc 1, 3), as principais formas narrativas utilizadas foram: parábolas (Lc 15, 11-32; 16, 19-31; 18, 1-8; 18, 9-14), inclusive na presente pesquisa foi utilizada uma de suas parábolas, a parábola do bom samaritano (Lc 10, 25-37), como objeto de estudo. Além das parábolas, ele se vale dos relatos de milagres (Lc 5, 12-16; 7, 11-17; 17, 11-19); anunciação (Lc 1, 5-25. 1, 26-38); *midrash* (Lc 1 e 2), sentenças encaixadas (Lc 7, 36-50; 13, 10-17; 19, 1-10), e controvérsias (Lc 6, 1-5).

Conforme a compreensão de alguns autores como Gourgues e Charpentier (1985, p. 31-42) e Simões (2017, p. 35-42), a parábola visa, por meio de uma comparação a partir de algo conhecido, contar uma história e fornecer um conhecimento, um ensinamento. Nos relatos de milagres, existe uma súplica de alguém necessitado, uma intervenção de Jesus Cristo, e consequentemente uma mudança de situação: da doença para a cura, da impossibilidade para a possibilidade, da prisão para a libertação. Em Lucas a anunciação é uma forma narrativa de grande relevância, uma vez que é o próprio Deus quem anuncia uma missão que a pessoa deve desempenhar, ou algum fato que Ele mesmo está proporcionando. *Midrash*, nas palavras de Simões (2017, p. 39), “trata-se de um método exegético ou investigativo acerca de um texto e, ao mesmo tempo, a produção literária decorrente deste método”. Uma de suas grandes características é o fato de adaptar fatos do Antigo Testamento sendo cumpridos no Novo Testamento; e as sentenças encaixadas, por sua vez, são palavras de Jesus inseridas em um milagre ou controvérsia. E por fim, a controvérsia é um gênero também conhecido como disputa, sempre se recorrendo a Sagrada Escritura.

Nesta pesquisa a parábola que é objeto de estudo só consta na obra de Lucas, contada após um diálogo com um legista: “Jesus dá-lhe uma resposta completa com a parábola do bom samaritano. Esta narrativa é exclusivamente do evangelho segundo Lucas” (Fitzmyer, 1986, p. 276). No evangelho de Lucas encontram-se 29 Parábolas. Sobre esse gênero assim nos esclarece Simões (2017, p. 35):

a parábola é um texto narrativo cuja finalidade é transmitir um conhecimento por meio de uma comparação. Ela relaciona um ensinamento a algo próximo ou é conhecido, em uma história verossímil e de fácil compreensão, com o objetivo de levar o ouvinte, mesmo que inconscientemente, a fazer um julgamento ou aprender a própria realidade.

Jeremias (2007, p. 234) eleva a importância das parábolas ao identificá-las como vivência de Jesus, cujo foco era o Reino, o que legitima a estas parábolas uma força, por não serem mensagens descontextualizadas, mas inseridas na vida de Jesus:

as ações parabólicas de Jesus são pregações. Mostram que Jesus não só pregou a mensagem das parábolas, mas também as viveu e as corporificou em sua pessoa. Jesus não só fala a mensagem do Reino de Deus, ele a é ao mesmo tempo.

No entanto, pensa diferente Fitzmyer (1986, p. 277) quando sugere que a parábola do bom samaritano, pode não ser propriamente dita, uma parábola:

do ponto de vista da história das formas, a passagem tem sido frequentemente descrita como uma “parábola”. Mas o próprio texto não o classifica expressamente nesta categoria, como é habitual (cf. Lc 12,16; 13,6[18.20]; 15,3; 18,9; 19,11).

Por causa da comparação que ele faz a outras narrativas de Lucas (cf. Lc 12,16-21; 16,19-31; 18,9-14), ele sugere que a perícopes em questão seja a mesma forma narrativa, baseada em ‘exemplo’: “A mensagem da narrativa não consiste numa certa analogia com a verdade espiritual, mas na expressividade da própria história, no próprio “exemplo” que se propõe, com toda a sua incisividade” (Fitzmyer, 1986, p. 277), e argumenta:

na observação final de Jesus (v. 37) é usado o termo *homoios* (= ‘da mesma maneira’, ‘o mesmo’), que sugere uma comparação entre o jurista e o samaritano compassivo; Isto poderia contribuir para interpretar esta narrativa – embora apenas indiretamente – como uma ‘parábola’ ou como uma semelhança desenvolvida. Contudo, a mensagem da narrativa surge por si

só, sem necessidade daquela palavra de Jesus com que a história termina (FITZMYER, 1986, p. 277).

Bailey (2009, n.p.), por sua vez, afirma que: “As parábolas de Jesus constituem uma forma concreta de linguagem teológica e drama que incita o ouvinte a dar uma resposta”. Assim, o evangelista, se dedicou a transmitir a mensagem de Salvação que Jesus veio trazer, também por meio de parábolas.

Para Jeremias (2007, p. 7) as parábolas constituem uma rocha firme da Tradição, visto que as histórias fixam com mais perfeição nas memórias, e também a compreensão é acessível. Ele ainda afirma: “com referência as parábolas de Jesus, acresce que elas refletem exatamente e com especial nitidez a boa-nova de Jesus, o cunho escatológico de sua pregação, a seriedade de seu apelo de conversão, bem como o seu conflito com o farisaísmo”.

Bailey (2009, n.p.) defende que são pelo menos seis, os tipos de parábolas existentes, e que para se interpretar bem uma parábola, é importante conhecer a qual tipo que se refere. São os seguintes: a parábola em um diálogo teológico; a parábola na narração de um acontecimento; a parábola na história de um milagre; a parábola em uma coleção temática; a parábola em um poema; e a parábola isolada. No caso da parábola do bom samaritano, Lucas coloca na boca de Jesus a narração de um acontecimento.

Catenassi e Perondi (2019, p. 348), colaboram apresentando alguns recursos literários presentes no Evangelho de Lucas através da análise narrativa - ou narratologia, e que terá reflexo na parábola analisada nesta dissertação:

segundo esta análise, os verbos seriam cuidadosamente colocados no texto, em estruturas complexas que valorizam a posição do termo central, que ocuparia uma posição estratégica dentro dos relatos, às vezes funcionando como um *turning point*, isto é, um 'ponto de mudança' nos episódios narrados, no qual a trama seguiria um novo rumo e o drama seria direcionado ao seu desfecho e à sua conclusão.

O que torna ainda mais atraente a sua leitura é o destaque para a habilidade de escrita de Lucas que apresenta uma forma de se escrever aprimorada do grego. Simões (2017, p. 212) reconhece que “A linguagem dos Evangelhos, especialmente a de Lucas, fica a poucos passos da prosa clássica (séculos V e VI a. C) e do grego moderno”. Fitzmyer (1981, p. 71) completa acrescentando que: “Além disso, percebe-se que se trata de uma pessoa culta, um bom escritor, familiarizado com as tradições

e obras literárias do Antigo Testamento – especialmente, conforme apresentado a tradução grega da Bíblia (LXX) – e com as técnicas das obras literárias do helenismo”. As observações de Catenassi e Perondi (2019, p. 344) são relevantes:

o autor do terceiro Evangelho escreve com grande senso artístico, talento e habilidade, demonstrando na estrutura dos discursos relatados conhecimento das construções retóricas tipicamente gregas. Seu grego é um dos mais apurados do Novo Testamento; exprime-se corretamente, com poucas repetições e redundâncias.

Além da qualidade da escrita de Lucas é necessário também ressaltar a extensão de sua obra, pois, sendo o autor do Evangelho (composto de 24 capítulos e aproximadamente 19.404 palavras) e dos Atos dos Apóstolos (composto de 28 capítulos e aproximadamente 18.374 palavras) ele é, individualmente, o maior escritor neotestamentário, haja vista que quase um quarto de todo o Novo Testamento é de sua autoria. Portanto, além de escritor habilidoso na qualidade da escrita é também autor de um dos maiores escritos, dado a quantidade de material compilado.

2.4 SOBRE O EVANGELISTA LUCAS

Sobre a sua vida, o Novo Testamento apresenta poucas informações, além de sua obra. O apóstolo Paulo faz referência a ele três vezes: “Saúdam-vos Lucas, o médico amado, e Demas” (Cl 4, 14); “Somente Lucas está comigo” (2Tm 4, 11); e “...de Marcos, Aristarco, Demas e Lucas, meus colaboradores” (Fm 24). No entanto, ainda que não tenha sido companheiro de missão um do outro, é tida como certa a relação de Lucas para com Paulo: “se Lucas não foi um companheiro de missão de Paulo, certamente foi seu grande admirador, fez dele uma referência fundamental para sua caminhada” (MOSCONI, 1997, p. 42). Sobre isso defende Hendriksen (2003, p. 30):

não é verdade que Lucas haja acompanhado Paulo em ‘todas as viagens’. As vezes ele está com o apóstolo; outras vezes, não. Ao descrever as viagens de Paulo, Lucas amiúde usa o pronome ele em referência ao apóstolo. Não obstante, às vezes, sem mudar o estilo do relato, há uma transição de ‘ele’ para ‘nós’, e de ‘seu’ para ‘nosso’. O que sabemos de forma definida é que quando o apóstolo, como prisioneiro, partiu para Roma, Lucas está ao seu lado. Sabemos isso porque em 27,1 começa outra seção ‘nós’, até o final”.

Karris (2011, p. 217) colabora apresentando dados sobre o autor do terceiro evangelho: “foi Lucas, um sírio de Antioquia, que escreveu um Evangelho derivado de Paulo; ele o escreveu em Acaia [ou Roma ou Bitínia] daquelas características que podem ser deduzidas do NT ele era médico, companheiro ou colaborador de Paulo”. Era um bom conhecedor do Antigo Testamento; além de escritor e discípulo da segunda geração foi também historiador: “Mesmo que Lucas faça seleção do material que recebe, não deixa de ser um historiador digno de fé tanto quanto outros historiadores do seu tempo” (BOVON, 1985, p. 270). Mesters e Orofino (2019, p. 10), acrescentam:

Lucas era pagão convertido. Antes de entrar na comunidade cristã, ele fazia parte do grupo que ele mesmo chama de tementes a Deus (At 10, 2. 22; 13, 16.26) ou adoradores de Deus (At 16, 14; 17, 4.17). Eram pagãos que se sentiam atraídos pelas Escrituras do povo judeu, pela seriedade da moral e da religião que elas comunicavam e pela promessa de salvação feita por Deus a Abraão que elas anunciavam. Nos sábados eles enchiam as sinagogas. Gostavam de ouvir as leituras da Lei e dos Profetas. Lucas deve ter sido um destes tementes a Deus.

É importante salientar que já no prólogo Lucas deixa claro que não foi testemunha ocular e que reconhece que muitos já transmitiram suas experiências, ou seja, deixaram seus testemunhos, e que ele reuniu tudo o que pôde através de investigação, deixando sua contribuição de forma ordenada (Lc 1, 1-4). Conforme Bovon (1985, p. 269), “a própria existência deste prólogo revela uma intenção literária. Lucas é um dos raros autores do Novo Testamento cuja obra não é ocasional”. Sua redação foi fruto de investigação e pesquisa apurada.

2.5 OBRA LUCANA

Na verdade, a obra de Lucas foi uma só. Porém, no século II ela foi separada, ou seja, o Evangelho de Lucas foi anexado aos três Evangelhos, constituindo o primeiro compêndio canônico, isolando e distanciando, dessa forma, o livro dos Atos dos Apóstolos. A essa altura cabe a indagação acerca de qual teria sido o motivo pelo qual a obra de Lucas foi dividida em duas partes. Bovon parte do pressuposto que ‘provavelmente, as duas obras foram divididas para facilitar sua difusão e edição’; os dois livros não devem ter sido conservados e transmitidos juntos por um motivo doutrinal” (Bovon apud Perondi, 2015, p. 59). Foi também no século II, conforme

afirma Bovon, que os títulos foram designados, pois o primeiro título possivelmente se perdeu. Na obra Lucas-Atos nota-se que ela se apresenta como de caráter missionário e apologético. “Lucas dirige-se sem dúvida aos cristãos, mas pensa também nos leitores profanos” (Bovon, 1985, p. 206).

Tanto no Evangelho quanto em Atos, Lucas deixa claro que sua prioridade não é pastoral ou organizativa, mas a missão da Igreja. Talvez porque o seu foco sempre foi enfatizar a salvação que Cristo veio trazer, por meio do Espírito Santo que o movia e por toda a influência recebida pelo contato com Paulo. Nesse sentido, Bovon (1985, p. 283) afirma:

o que a tradição da Igreja bem captou e exprimiu a seu modo – modo narrativo próximo do estilo do evangelista! – é que o autor de Lucas-Atos se inscreve na trilha de Paulo e que desenvolve uma atividade missionária mais do que pastoral.

Pikaza verifica dois níveis de leitura de Lucas na sua obra completa, o Evangelho e os Atos: o primeiro compreendendo o *nível externo* e o *nível profundo*. “No nível externo os diversos momentos do mistério e da obra de Jesus se diferenciam de uma forma plena e nítida; há um progresso histórico e um outro tempo sucede ao anterior de um modo bem preciso” (Pikaza, 1978, p. 13). No *nível profundo*, o que ocorre é uma revelação sempre crescente atuando em Jesus Cristo e no Espírito Santo. E a partir daí Pikaza delimita os diversos tempos da obra de Lucas.

Primeiramente, ele verifica que Deus é o princípio, portanto, tudo parte Dele mesmo. Segundo, “partindo de Deus entende-se o tempo de preparação do homem que tomou em Israel forma profética e entre os gentios se manifesta como ‘era de ignorância’ (At 17,30).” (Pikaza, 1978, p. 13). O centro se compõe pelas palavras e fatos de Jesus, sua trajetória, começando na anunciação do anjo a Maria, e findando na ascensão de Jesus. “Num primeiro momento, Jesus aparece para Lucas como o amadurecimento da esperança e o tempo de Israel (Lc 1-2). Sendo verdade para Israel, Jesus é luz para as nações (Lc 2, 32): quando o antigo povo da esperança encontrar a sua verdade, quando chegar a sua plena dimensão, converter-se-á em serviço para o mundo, salvação para os povos” (Pikaza, 1978, p. 16). Então, a partir de Jesus, ele compreende o tempo do Espírito e da Igreja. Por fim:

tudo se acha orientado para o futuro apocalíptico que se pode interpretar como 'volta decisiva de Jesus' e cumprimento da sua obra sendo por sua vez a elucidação plena do mistério de Deus entre os homens. (PIKAZA, 1978, p. 13).

O tempo do Espírito Santo não está apenas na sua vinda sobre Maria e os apóstolos reunidos no Cenáculo (Atos 2), mas para Lucas ela é presente em toda a atuação de Cristo, na verdade Ele é a expressão corporal do Espírito. Afirma Pikaza (1978, p. 21) “a vinda do Espírito nos Atos não se pode tomar como algo puramente novo; é o reflexo e resultado do mistério de Jesus que sobe para o Pai”. Portanto, a ação do Espírito está intimamente relacionada à do Filho, no Pai.

2.6. FONTES DE LUCAS

Lucas não conheceu Jesus pessoalmente, por isso, o evangelho de Marcos foi uma das suas principais fontes de pesquisa. “O Evangelho de Marcos é composto de 680 versículos; desses 424 (quase dois terços) encontramos no Evangelho de Lucas”. (Mosconi, 1997, p. 38). Ao usar Marcos como fonte, Lucas estava preocupado em responder aos anseios e desafios enfrentados pelo povo naquela ocasião, sobretudo, visando alcançar a toda a humanidade. “Lucas parece ser o único escritor do novo testamento que deixou de pensar exclusivamente na igreja e se preocupa com oferecer o fato de Jesus no mercado aberto do seu mundo”. (Pikaza, 1978, p. 10). Bovon (1985, p. 270), por sua vez, acrescenta que:

ele teve à sua disposição o Evangelho de Marcos, a Coleção dos *logia* (= Q), sua 'característica' (em diversos blocos em vez de ser num documento continuado), alguns ciclos sobre a comunidade de Jesus, os helenistas, a conversão e as missões de Paulo, algumas informações isoladas, traçados de itinerários etc.

No entanto é necessário acrescentar que “nada impede que são Lucas tenha consultado outros escritos; talvez algum deles contivesse detalhes da história da igreja palestinese ou das viagens de Paulo” (Pikaza, 1978, p.10). Ainda assim, como bom estudioso e escritor, Lucas deixou sua contribuição, sem copiar ao pé da

letra de Marcos e nem das demais fontes e, compondo o seu texto, provavelmente a partir das tradições das primeiras comunidades de onde viveu, sobretudo Antioquia da Síria, uma vez que, “há cerca de 500 versículos que não foram tirados das duas fontes citadas anteriormente” (Pikaza, 1978, p. 11). Fato que propicia considerá-lo além de um exímio pesquisador, também um excelente escritor.

Além de se utilizar do evangelho de Marcos, Lucas também utilizou a fonte Q na elaboração de seu evangelho. Conforme explica Simões (2017, p. 45) a fonte Q é um documento contendo os ditos (*logia*) de Jesus e reunido por volta do ano 46. Porém, se Lucas tem acesso a duas fontes de consulta para a construção de sua pesquisa, ele não depende exclusivamente delas como se fosse um replicador de textos. Ele também é autoral e, por isso, criador e artesão de seus próprios e exclusivos textos, a fonte L. “Em sua narrativa do ministério de Jesus, ele usa Marcos, a fonte de ditos Q, juntamente com seus materiais especiais, L, e os coloca a serviço de sua teologia” (KARRIS, 2011, p. 218). A perícopes estudada nesta pesquisa é material da Fonte L, apenas Lucas apresenta a parábola do bom samaritano em sua redação.

2.7 COMUNIDADE RECEPTORA DO EVANGELHO

Lucas escreve a sua obra por volta dos anos 80 e, conseqüentemente os receptores de seu evangelho devem ser encontrados nesse período. Perondi (2015, p. 63) registra que “Os escritos lucanos provavelmente estão direcionados para as Igrejas fundadas ou animadas pela influência paulina, uma vez que deixam entrever a existência de comunidades já estruturadas”. Quais seriam estas comunidades que possivelmente Lucas fazia parte, convivia e, com certeza, levou em consideração ao redigir seu texto? Vale ressaltar a percepção de Fitzmyer (1986, p. 108):

a visão comumente aceita atualmente é que Lucas escreveu sua narrativa evangélica para um público pagão-cristão ou, pelo menos, na sua maioria de origem pagã. Esta concepção baseia-se fundamentalmente na clara intenção de Lucas de relacionar sua exposição do fenômeno de Cristo e sua continuação na Igreja com as tradições literárias do mundo greco-romano (por exemplo, em seu prólogo do evangelho).

A respeito de Teófilo, que recebe a dedicatória de Lucas, não existem mais informações, apenas possibilidades, tais como lembra Simões (2017, p. 204):

a quem o trabalho é dedicado, mas, com exceção do nome, nada sabemos desta pessoa. Se as regras da edição antiga foram respeitadas, sem dúvida ele financiou a cópia de determinado número de exemplares da obra e favoreceu, assim, a difusão do livro.

Karris (2011, p. 225), por sua vez, ressalta que “Lucas convida Teófilo e seus amigos a ver, na fé, que, em Jesus, todas as promessas de Deus foram cumpridas”. Esse é o desejo do Evangelista ao enviar sua mensagem aos destinatários. Mestres e Orofino (2019, p. 14), defendem que o objetivo da obra de Lucas é crescer em amizade com Deus. Eles entendem que é esta a chave de leitura de todo o Evangelho. Essa divisão está relacionada ao destinatário da obra, o *excelentíssimo Teófilo*, que significa “amigo de Deus”, por isso, a compreensão deles é que “nós também somos os destinatários do Evangelho de Lucas, pois somos e queremos ser Teófilos, amigos de Deus. Lucas escreve para que possamos crescer em amizade”.

Na compreensão de Mosconi (1997, p. 43) os destinatários de Lucas seriam os judeus da diáspora, pessoas vindas do mundo greco-romano, pessoas e comunidades das grandes cidades que viviam grandes contrastes sociais, pessoas convertidas ou em processo de conversão, do paganismo para o Evangelho de Cristo, pessoas com dúvidas acerca de Jesus e da vida que Ele veio propor, lideranças das comunidades cristãs que se encontravam e desanimadas ou em dificuldades. Perondi (2015, p. 63) segue o mesmo percurso:

estas comunidades não são judaicas e nem se situam em ambientes judaicos. São formadas por cristãos vindos do paganismo em sua maioria e que vivem num ambiente predominantemente pagão, como afirma Fitzmyer, e Teófilo seria um membro dessas comunidades. É possível que em seu meio poderia haver a presença de algumas pessoas judaico-cristãos, como parece indicar a citação do Profeta Isaías, em At 28,23-29.

Outra característica que sublinha Martín-Moreno (2006, p. 92) é a situação socioeconômica dos receptores da redação de Lucas. Após considerar que existiam pessoas que foram marginalizadas por causa da fé, e, por isso, eram pobres, ele acrescenta:

mas também havia pessoas de boa posição social na comunidade. Essas pessoas já aparecem no Evangelho e não há dúvida de que o autor, ao apresentá-las, o faz de maneira que seus ricos leitores possam se identificar com elas e tomá-las como modelos. No grupo dos seguidores de Jesus, não nos esqueçamos de pessoas como o centurião de Cafarnaum, Juana, a mulher do ministro das finanças de Herodes e as mulheres que serviam Jesus com os seus bens.

A comunidade lucana parecia ser composta de pobres e ricos, porém, a força de persuasão é destinada aos ricos que precisavam se converter. É o que expressa Martín-Moreno (2006, p. 92):

Lucas dirige-se sobretudo aos ricos, aos seus desafios, aos problemas que colocam na comunidade. Esse pedido é evidenciado no jovem governante rico ou na passagem de Zaqueu e pode ser formulado nesta pergunta: “Será que nossas posses nos impedem de ser cristãos genuínos?”

Muito pertinente para o tema tratado nessa dissertação, onde um desconhecido dispensa ajuda a outro desconhecido, conforme é narrado na parábola do samaritano (Lc 10, 25-37) é a compreensão de que “A ajuda a não parentes não era incentivada. As pessoas se dispunham a ajudar um amigo, apenas como forma de obrigá-lo a retribuir se um dia fosse necessário. Mas a generosidade para com estranhos é desconhecida” (Martín-Moreno, 2006, p. 93). Lucas provavelmente ao escrever considerou os fatos relacionados a romper com a barreira da ajuda mútua, da acolhida uns dos outros, da relação entre pobres e ricos, de necessitados e não necessitados, conforme afirmar Martín-Moreno (2006, p. 93):

a única maneira que Lucas tem para fazer os gregos entenderem a necessidade de dar esmola e viver em comunhão é usar a terminologia da amizade que era bem compreendida por eles. Lucas diz a eles que os cristãos ajudam seus vizinhos necessitados porque os consideram seus amigos. Desta forma, ele pode tornar a mensagem de esmola compreensível para os convertidos que vieram de contextos culturais e expectativas muito diferentes (16,1-31).

Lucas trouxe para dentro das comunidades pessoas de diversas condições sociais, e conseqüentemente vários conflitos também, por exemplo, entre ricos e pobres (Lc 16,13). Por isso, nos anos 80 Lucas escreve sua obra objetivando iluminar essas questões. Ele apresenta o rosto da misericórdia. Não é em vão que nela consta a parábola do bom samaritano bem como a do filho pródigo.

2.8 A QUESTÃO SINÓTICA

O Evangelho de Lucas juntamente com Marcos e Mateus compõe os evangelhos sinóticos. Sinóticos porque as três obras compõem um esquema semelhante, e unidos formam uma sinopse, ou seja, uma síntese da vida de Jesus de Nazaré. E sobre a questão sinótica muito contribui Martín-Moreno (2006, p. 3), apresentando as diferenças e semelhanças contidas entre os três evangelhos sinóticos: Marcos, Lucas e Mateus:

O problema sinótico foi resumido nos termos '*concordia discors*', concordância discordante. Baseia-se no fato de que os três primeiros evangelhos têm grandes semelhanças que postulam contatos literários de algum tipo e, ao mesmo tempo, diferenças notáveis que admitem a influência de outras fontes incomuns, ou uma liberdade editorial dos evangelistas para lidar com os materiais que a tradição lhes forneceu de uma forma ou de outra.

De acordo com Martín-Moreno (2006, p. 3), em relação às diferenças e às semelhanças, fica evidenciado que, a redação de Marcos é composta por 16 capítulos e 665 versículos. Destes, 360 versículos são comuns com Lucas e Mateus. No total, de 10.650 palavras de Marcos, 7.040 também constam em Lucas, enquanto que 7.768 estão também em Mateus. A redação de Lucas é composta por 24 capítulos e 1.150 versículos, acentua Martín-Moreno (2006, p. 3) que, em relação aos versículos, trata-se do maior dos evangelhos sinóticos. Lucas tem em comum com Marcos e Mateus 360 versículos, sendo 220 versículos em comum com Mateus e 50 em comum com Marcos. São 520 os versículos que Lucas compôs, exclusivos de sua obra.

O Evangelho de Mateus é composto por 28 capítulos, 1.068 versículos. São também 360 versículos em comum com Marcos e Lucas, 220 versículos em comum com Lucas, e 210 com Marcos. Ele também tem seus versículos exclusivos, totalizando 275. Dado importante é trazido por Fitzmyer (1981, p. 71) que, ao tratar as diferenças entre Lucas e os sinóticos, expõe sua intenção e sintetiza que: “por fim, sua diferença com os demais evangelistas, consiste essencialmente na sua intenção de relacionar a vida de Jesus, não apenas com o ambiente e a cultura contemporâneos, mas também com o desenvolvimento expansivo da Igreja cristã nascente”.

Lucas, portanto, enriquece seu Evangelho com narrativas que são encontradas somente nele, a saber: a Anunciação (1, 26-38), a Visitação (1, 39-56), a Purificação

de Maria (2, 21-24), Jesus no Templo na adolescência (2, 41-52), os 30 anos de Jesus em Nazaré (2, 39-40. 51-52), a cura dos 10 leprosos (17, 11-19), a missão dos 72 discípulos (10, 1-12), a Transfiguração (9, 28-36) e a agonia de Jesus no horto das oliveiras (22, 44). E as parábolas que só aparecem em Lucas são: a parábola do bom samaritano (10, 25-37), a parábola do filho pródigo (15, 11-32), a parábola do rico e do pobre Lázaro (16, 19-31), a parábola do juiz iníquo e da viúva (18, 1-8) e a parábola do fariseu e do publicano (18, 9-14).

A questão sinótica pode ser verificada nos versículos iniciais da perícopes escolhida para esta pesquisa, onde consta o diálogo entre Jesus e o legista. Para Fitzmyer (1986, p. 265): “à primeira vista, o episódio (v. 25-28) guarda uma certa semelhança com o texto de Marcos 12,28-31 e Mt 22,34-40”. Ao lançar um olhar de forma superficial, esta é a impressão que se tem, até porque os inícios são parecidos, todos se passam em um diálogo. “Tanto em Lucas como nos outros dois sinóticos, aparece um personagem que faz uma pergunta a Jesus, e dois versículos do Antigo Testamento são citados juntos (Dt 6,5; Lv 19,18)”. (Fitzmyer, 1986, p. 265). Bovon (2002, p. 112) analisa as diferenças em relação a Marcos, citando o conteúdo da pergunta, enquanto que para Lucas é a herança da vida eterna, para Marcos é sobre o primeiro Mandamento. Outro ponto de diferença observado pelo teólogo é a ausência de uma contra pergunta para Marcos, enquanto que há presença desta em Lucas (10, 26). A forma da citação bíblica também é apontada como diferente nos dois sinóticos (Mc 12, 29-31; Lc 10, 27). Em relação a Mateus, ele aponta as coincidências:

entre as coincidências com Mateus: a denominação do interlocutor como legista (Mt 22, 35; Lc 10, 25); a intenção de colocar Jesus à prova (Mt 22, 35; Lc 10, 25); o vocativo ‘mestre’ (Mt 22, 36; Lc 10, 25); a expressão ‘na Lei’ (Mt 22,36; Lc 10, 26) proximidade formal na citação bíblica (Mt 22, 37; Lc 10, 27). (BOVON, 2002, p. 112).

Para verificação consta no quadro abaixo, as versões de Lucas, Marcos e Mateus acerca do diálogo estabelecido entre um especialista em Leis e Jesus e seu desenvolvimento escrito por cada Evangelista, para ilustrar as comparações:

Quadro 1. Comparação dos evangelhos sinóticos: Lc 10, 25-28; Mc 12, 28-31; Mt 22, 34-40

(Bíblia de Jerusalém, 2010, Lucas 10, 25-28, p. 1808)	(Bíblia de Jerusalém, 2010, Marcos 12, 28-31, p. 1778)	(Bíblia de Jerusalém, 2010, Mateus 22, 34-40, p. 1744)
25 E eis que um legista se levantou e disse para experimentá-lo: Mestre, que farei para herdar a vida eterna?. 26 Ele disse: que está escrito na Lei? Como lês?. 27 Ele, então, respondeu: amarás o Senhor teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma, com toda a tua força e de todo o teu entendimento; e a teu próximo como a ti mesmo. Jesus disse: respondeste corretamente; faze isso e viverás.	28 Um dos escribas que ouvira a discussão, reconhecendo que respondera muito bem, perguntou-lhe: qual é o primeiro de todos os mandamentos? 29 Jesus respondeu: o primeiro é: ouve, ó Israel, o Senhor nosso Deus é o único Senhor, 30 e amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todo o teu entendimento, e com toda a tua força. 31 O segundo é este: amarás o teu próximo como a ti mesmo. Não existe outro mandamento maior do que este.	34 Os fariseus, ouvindo que ele fechara a bocados saduceus, reuniram-se em grupo 35 e um deles – a fim depô-lo a prova – perguntou-lhe: 36 Mestre, qual é o maior mandamento da Lei?. 37 Ele respondeu: amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todo o teu espírito. 38 Esse é o maior e o primeiro mandamento. 39 O segundo é semelhante a esse: amarás o teu próximo como a ti mesmo. 40 Desses dois mandamentos dependem toda a Lei e os profetas.

Fonte: a autora, 2024

Somente Lucas coloca a resposta decisiva nos lábios do doutor da Lei (Lc 10, 27). E, de fato, aqui reside a grande contribuição que Lucas dá ao inserir e unir a citação bíblica, exemplificando-a com uma parábola, objeto dessa dissertação: “Só ele dá uma forma particular à citação bíblica e a une a uma parábola (Lc 10, 30-35) cuja qualidade estética recorda os grandes textos da fonte própria de Lucas” (Bovon, 2002, p. 113). Contar a parábola para exemplificar o ensinamento do amor, trata-se de uma grande contribuição.

Nessa dissertação é utilizada a divisão do Evangelho conforme apresenta a versão da Bíblia de Jerusalém: a primeira parte se passa entre os capítulos 1 e 2, onde ele dá destaque como nenhum outro evangelista à anunciação, nascimento de João Batista e de Jesus. Os capítulos 3 e o 4 (até o versículo 13), a segunda parte, nos apresenta a preparação de Jesus para o seu ministério. Aparece, portanto, toda a colaboração que João Batista trouxe nesta preparação, que inclusive oferecia um batismo de conversão. E a terceira parte dessa divisão, se passa na missão de Jesus na Galileia, compreendendo os capítulos quarto, a partir do versículo 14, até o capítulo 9, finalizando no versículo 50. A maior etapa nessa divisão de Lucas, que é a quarta parte do evangelho, se dá na subida de Jesus a Jerusalém. São 10 capítulos, iniciando no capítulo 9, versículo 51 e encerrando no capítulo 19, verso 27. Aqui se encontra o coração do evangelho, o que o denomina como o evangelho da misericórdia. A quinta parte trata do Ministério de Jesus em Jerusalém,

compreendendo o capítulo 19, a partir do versículo 28 e os capítulos 20 e 21. A Paixão, Morte e Ressurreição de Cristo está na sexta parte nos capítulos 22 e 23. E, por fim, a última parte, a sétima, após a Ressurreição, capítulo 24.

2.9 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Indagações de teólogos, sobretudo biblistas, sobre o diálogo de Jesus com o legista, resultando na parábola do bom samaritano, contada por Jesus, sempre foram contínuas. Das inúmeras contribuições encontradas em âmbito acadêmico acerca desta parábola, portanto, aportes para toda essa pesquisa, foram selecionadas três com bastante incidência na pesquisa bíblica. As demais serão encontradas no decorrer de todo texto.

Em 1981, Joseph A. Fitzmyer iniciou a redação de uma obra clássica sobre o Evangelho de Lucas, resultando em 4 volumes com um total de mais de 2800 páginas. O terceiro volume, do ano de 1986, traz a análise do capítulo 10, constando a perícopes desta pesquisa, Lc 10,25-37. Ele pontua que o que está em jogo no diálogo de Jesus com o legista é a vida eterna, indicando acreditar que Lucas insere este diálogo como sendo uma introdução à parábola do bom samaritano. Ele considera esse episódio narrado por Lucas como sendo uma declaração de Jesus baseado naquilo que ele quer frisar como sendo o principal para um ser humano: o amor a Deus e ao próximo. Assim, Fitzmyer (1986, p. 268) pontua as duas implicações primordiais:

o primeiro mandamento exige um amor total e absoluto a Deus, como uma dedicação que abrange todo o âmbito da pessoa; Os três – ou quatro – constituintes pessoais mencionados: ‘coração’, ‘alma’, ‘força’, (‘mente’) expressam a totalidade indivisa da consagração a Deus. O segundo mandamento, que provém de outra codificação legislativa, como o chamado ‘Código de Santidade’ (Lv 17-26), infunde o amor ao próximo, isto é, ao próprio compatriota, ao membro da mesma raça, ao Israelita. Na realidade, as exigências de ambos os mandamentos coincidem na mesma atitude: o israelita deve amar o próximo como deve amar a Deus.

Para Fitzmyer (1986, pp. 265-288) está claro que, para herdar a vida eterna, dois são os temas proeminentes: o primeiro em relação a Deus, que ele reduz a duas palavras, sendo elas a religiosidade e a santidade. E o segundo tema, refere-se à

relação com os outros seres humanos, explicadas pelo altruísmo e pela justiça. Portanto, ele entende a parábola do bom samaritano como um modelo para a conduta do cristão. Para ele a compaixão e a misericórdia, como exemplo de amor ao próximo, conduzem à vida eterna. O biblista acredita que, este relato narrado em Lucas, dá ênfase ao Sermão da montanha (Lc 6, 27-35), no que diz respeito a definição do amor humano. O enfoque não se trata apenas do amor, mas também sublinha o universalismo do amor.

Bovon é um biblista renomado em função de suas importantes contribuições com o estudo bíblico. É dele a obra clássica que estuda o evangelho de Lucas, composta de quatro volumes escritos entre 1989 a 2010. No segundo volume, o autor estuda a perícopes analisada na presente dissertação. Analisando a perícopes em questão, Bovon inicia criticando o uso do adjetivo “bom”, utilizado no título, mas depois faz uso desse adjetivo remetendo a imagem do bom samaritano a Jesus.

Para ele, o diálogo do legista com Jesus, que resulta na história que Jesus conta, a do bom samaritano, trata-se de um debate teológico e prático. Ele é claro ao deixar o seu ponto de vista: “Em minha opinião, o evangelista aproveita antes um episódio narrado em homenagem ao seu mestre para dar uma lição geral de ética e talvez também de cristologia”. (Bovon, 2002, p. 112). Ele aprofunda afirmando que, a perícopes está enraizada no atributo de Deus, que é a misericórdia, que pede adesão do povo de Deus que compõe a Igreja, para dar continuidade a manifestação da misericórdia de Deus por gestos e ações. “Tal estrutura, cristológica, está enraizada em Deus, compassiva e atuante, e está implantada na Igreja, cujos membros continuam com a prática dos gestos caritativos do seu Senhor”. (Bovon, 2002, p. 110). Portanto, ao ser contada a parábola do bom samaritano, ele compreende que existe uma estrutura que é fomentada através de Cristo: o bem recebido de Deus, deve frutificar em boas ações chegando as pessoas, sobretudo as mais necessitadas.

Perondi, um teólogo e biblista que trouxe importantes contribuições para o tema da compaixão e misericórdia, procura, em sua tese de doutorado, compreender o sentimento de compaixão de Jesus diante de uma pessoa necessitada. Esse sentimento foi definido pelo evangelista Lucas através do verbo *splangxizomai*, que significa ‘ser movido de compaixão’. O biblista analisa o emprego deste verbo no estudo da perícopes da Ressurreição do filho da viúva de Naim, enquanto que Perondi identifica o

mesmo uso do verbo em mais três perícopes de Lucas: na parábola do bom samaritano (Lc 10, 33) e na parábola do filho pródigo (Lc 15, 20).

Perondi (2020, p. 229) apresenta as três passagens bíblicas com a ocorrência deste verbo: “o modelo estilístico utilizado em 7,13 será repetido de forma idêntica em 10,33 e 15,20, formando uma cena-tipo, no qual o verbo *splangxizomai* ocupa uma posição de destaque”. No versículo 33 de Lucas 10: “Certo samaritano em viagem, porém, chegou junto dele, viu-o e moveu-se de *compaixão*”. Lucas “quer nos dizer que a compaixão é um traço do advento messiânico e para tanto reserva o uso do verbo para três situações específicas no seu Evangelho, em textos que lhe são exclusivos” (Perondi, 20, p. 229).

A compaixão sempre está de um interlocutor para um receptor. “Ou seja: a) Jesus diante da viúva de Naim (7,13); b) O bom samaritano diante do homem caído à beira do caminho (10,35); c) O pai diante do filho perdido que retorna (15, 20) ”. (Perondi, 20, p. 229). E quando o teólogo verifica o uso intencional de Lucas com o verbo em 3 passagens específicas, ele está analisando que compaixão é um sentimento mais forte e parece que Lucas quis dar destaque. “São as entranhas que se comovem e que clamam, mexem com a sensibilidade e preparam para uma ação imediata”. (Perondi, 2020, p. 249). Essa ação imediata, compreendemos que se trata do ‘fazer misericórdia’ do bom samaritano.

2.10 A COMPAIXÃO E MISERICÓRDIA NO EVANGELHO DE LUCAS

Lucas no seu Evangelho sempre enfatiza o traço fundamental da postura de Jesus Cristo, o Deus conosco: revelar a Misericórdia do Pai, que salva e que propõe um novo estilo de vida, baseado na vivência amor, sobretudo a todos aqueles que mais precisam. Essa postura foi também por vezes conflituosa, questionadora, sobretudo em momentos de denúncias de todos os tipos de injustiças e exploração que se apresentavam no caminho de Jesus. Um exemplo, quando em dia de sábado, os discípulos de Jesus com fome arrancaram espigas de milho, para comer. Os fariseus prontamente questionam Jesus, porque estavam fazendo o que não era permitido em dia de sábado. Jesus responde colocando as coisas no lugar: Deus é

maior do que tudo e, sendo maior, coloca o necessitado como alvo de todo o bem (Lc 6, 1-5). Nesta perícopa, os pobres, ou seja, aqueles que careciam de algo, que tinham uma necessidade, eram os seus discípulos. A pobreza deles era a fome. A necessidade que tinham era comer. E Jesus teve sensibilidade e postura salvadora a esta necessidade dos seus discípulos, ali próximos. Portanto, para o evangelista, quando Jesus difundia o Reino de Deus, ele não queria invalidar a Lei, mas sim dar pleno cumprimento a ela, colocando o amor a Deus e ao próximo no centro e dissipando todo tipo de injustiça e exploração.

Perondi apresenta quem são os destinatários dessa ação de Jesus, apresentada por Lucas, “o terceiro evangelista mostra um Jesus solidário com as multidões: os pobres, os simples, os humildes, os sofredores, as mulheres, os pecadores, etc. Assim, Jesus assume a pedagogia da ‘inclusão’, que vai em busca das pessoas pobres, excluídas e perdidas (Perondi, 2015, p. 56).

Em Colossenses 4,10, Lucas é citado como o “médico amado”. E como médico, ele teve condições de expor uma pessoa necessitada de cuidados físicos, como descritos na parábola do bom samaritano. Também, sendo médico apresenta Jesus como o médico divino, e enaltece o seu poder de cura, em vários relatos de curas que Jesus realizou (Lc 4,38-39; 5,12-14.17-25; 7,1-10, etc.). Não se trata só de uma questão da medicina, mas teológica. Jesus Cristo realiza a cura do ser humano integral: corpo e alma.

Lucas enfatiza a compaixão e misericórdia, e, nessa dissertação, o argumento é que compaixão e misericórdia podem ser consideradas sinônimas ou atitudes muito próximas, este argumento é aprofundado no decorrer da pesquisa. No entanto, no relato de Lucas na parábola do bom samaritano, parece que ele quer mostrar Jesus ensinando sobre essa proximidade entre compaixão e misericórdia, mas, ao mesmo tempo, apresentando uma como consequência da outra, será demonstrado no próximo capítulo.

Oportuno recordar a interpretação de Fitzmyer (1986, p. 282) ao demonstrar que a ênfase principal deste relato é exatamente a que está profundamente relacionada à conduta e pensamento do Papa Francisco, e que será abordado mais à frente. O teólogo diz que:

a ênfase da narrativa de Lucas está no convite final 'Então vá e faça o mesmo' (v 37). E se a figura do samaritano é importante, deve-se simplesmente ao interesse de Lucas em sublinhar o aspecto universalista, é isso que o leva a procurar na sociedade palestina os seres mais desprezados.

O "faça o mesmo", é interpretado como o "fazer misericórdia" que será argumentado nesta pesquisa. Antes, porém, serão abordados aspectos sobre o gênero parábola, especificamente em Lucas, seguido de uma contextualização, onde são brevemente considerados os versículos anteriores (Lc 10, 1-24) e os posteriores (Lc 10, 38-42) da perícopes estudada, e a partir de então, é feita uma análise do texto em questão.

3. ANÁLISE BÍBLICO-TEOLÓGICA DE LUCAS 10,25-37

Aqui se inicia a análise da perícope escolhida para a presente dissertação. Portanto, além do estudo da parábola do bom samaritano, são estudados os versículos anteriores à parábola, onde está um diálogo de Jesus com um legista. Bailey (2009, n.p.) sinaliza a tendência que precede a parábola e afirma que, ao fazer isso, a parábola se torna apenas uma exortação ética para ajudar quem tem necessidade.

25E eis que um legista se levantou e disse para experimentá-lo: 'Mestre, que farei para herdar a vida eterna? '. 26 Ele disse: 'Que está escrito na Lei? Como lês? '. 27 Ele, então, respondeu: 'Amarás o Senhor teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma, com toda a tua força e de todo o teu entendimento; e a teu próximo como a ti mesmo'. Jesus disse: 'Respondeste corretamente; faz isso e viverás'. 29Ele, porém, querendo se justificar, disse a Jesus: 'E quem é meu próximo? ' 30Jesus retomou: 'Um homem descia de Jerusalém a Jericó, e caiu no meio de assaltantes que, após havê-lo despojado e espancado, foram-se deixando-o semimorto. 31Casualmente, descia por esse caminho um sacerdote; viu-o e passou adiante. 32Igualmente um levita, atravessando esse lugar, viu-o e prosseguiu. 33Certo samaritano em viagem, porém, chegou junto dele, viu-o e moveu-se de compaixão. 34Aproximou-se, cuidou de suas chagas, derramando óleo e vinho, depois colocou-o em seu próprio animal, conduziu-o à hospedaria e dispensou-lhe cuidados. 35No dia seguinte, tirou dois denários e deu-os ao hospedeiro, dizendo: 'Cuida dele, e o que gastares a mais, em meu regresso te pagarei'. 36Qual dos três, em tua opinião, foi o próximo do homem que caiu nas mãos dos assaltantes? ' 37Ele respondeu: 'Aquele que usou de misericórdia para com ele'. Jesus então lhe disse: 'Vai, e também tu, faz o mesmo'. (Bíblia de Jerusalém, 2010, Lucas 10, 25-37, p. 1808).

O título da parábola “bom samaritano” é recorrente nas traduções das Bíblias de Jerusalém, Ave Maria, Pastoral, Tradução da CNBB, de Aparecida. No entanto, o adjetivo bom não é bem visto por todos os estudiosos e Bovon (2002, p. 109) sintetiza o motivo da crítica: “O uso do adjetivo bom, porém, tem seus inconvenientes, pois está ligado à pessoa, enquanto o que conta é a ação do samaritano, além disso, existe o perigo de reduzir a parábola a uma lição de moral”. Todavia, ao analisar a parábola, não parece inconveniente o adjetivo, uma vez que, trata-se apenas de um título, sendo que este não aparece no corpo da narrativa. E um adjetivo no título o torna ainda mais atraente, apesar de não refletir totalmente o centro e a mensagem da própria parábola, que é a compaixão e a misericórdia. Mas, conforme, afirma São Boaventura e enfatizou Kasper (2015, p. 113): “o bom define-se por se comunicar e doar a si mesmo”. E, sim, o samaritano na parábola, comunicou a si mesmo, doou-se. Portanto, o título permanece tal qual encontramos nas traduções bíblicas.

Neste estudo da perícopa, é destacada, analisada e interpretada a mensagem de misericórdia e compaixão que nela contém. Será feito por essas etapas: a primeira parte, com os versículos 25 até o 29, relatando o conflito com o legista. Logo após, os versículos 30 até 33, em que será analisado os ‘assaltantes, o homem, o sacerdote e levita’. Na terceira parte, versos 30-33, “a ação do samaritano” é o núcleo principal de nosso estudo. E, por fim, na quarta parte temos os versículos 36-37 em que se encontra o desfecho da parábola e da conversa com o legista.

3.1 VERSÍCULOS 25-29 – O CONFLITO COM O LEGISTA

25E eis que um legista se levantou e disse para experimentá-lo: ‘Mestre, que farei para herdar a vida eterna?’. 26 Ele disse: ‘Que está escrito na Lei? Como lês?’. 27 Ele, então, respondeu: ‘Amarás o Senhor teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma, com toda a tua força e de todo o teu entendimento; e a teu próximo como a ti mesmo’. Jesus disse: ‘Respondeste corretamente; faz isso e viverás’. 29Ele, porém, querendo se justificar, disse a Jesus: ‘E quem é meu próximo?’. (Bíblia de Jerusalém, 2010, Lucas 10, 25-29, p. 1808).

Em Lucas 10, a partir do versículo 25 até o final da parábola do bom samaritano, Jesus é o personagem principal do relato, justamente ele é aquele que é questionado e que narra a parábola. No diálogo aproxima-se “um” especialista em leis e não se sabe o seu nome. No relato parabólico, conforme salienta Patuzzo e Navarro (2020, p. 160), todos os personagens são inseridos por Jesus e são anônimos. Percebe-se, portanto, que o que Lucas quis enfatizar é o ensinamento sobre a compaixão e misericórdia que Cristo nos dá. Pagola (2012, p. 183) aprofunda a questão ao afirmar:

o relato do ‘bom samaritano’ não é uma parábola a mais, e sim aquela que melhor expressa, de acordo com Jesus, o que é ser verdadeiramente humano. O samaritano é uma pessoa que vê em seu caminho alguém ferido, aproxima-se, reage com misericórdia e o ajuda no que pode. Esta é a única maneira de ser humano: reagir com misericórdia. Pelo contrário ‘dar uma volta’ diante de quem sofre – postura do sacerdote e do levita – é viver desumanizado.

Estes versículos contém um diálogo com três perguntas e três respostas, sendo uma delas surpreendente, pois é composta de uma história que atravessa os séculos e ensina a humanidade a se portar como filhos de Deus. Para Bovon (2002, p. 113),

“Lucas segue claramente uma hierarquia: mestre em teologia, dirige o seu aluno legista, em uma marcha exegética e prática decisiva”. Perondi (2016, p. 188) considera a importância desse diálogo elevando-o a um “debate teológico”:

quando consideramos o relato dentro do conjunto de Lc 10,25-37, este pode ser compreendido como um *debate teológico* entre Jesus e o legista, um gênero de controvérsia que se inscrevia na linha das disputas entre os rabinos da época, bastante caracterizada pelo recurso à Escritura.

O diálogo poderia ter finalizado ali, porém, ele querendo se justificar por ter feito a pergunta, faz uma outra: “E quem é meu próximo?” (Lc 10, 29). Ele também queria se colocar como justo com essa pergunta, pois se a resposta fosse: “o seu próximo é seu parente”, certamente ele chegaria então ao que queria, comprovando que era justo, pelo menos com seus parentes. “O sentido real da pergunta sobre o próximo era saber qual era, de fato, a abrangência desse preceito, ou seja, quem poderia ser considerado como um próximo, a ponto de obrigar um israelita a prestar-lhe atenção” (Camargo, 2014, p. 51). Além do que, é importante ressaltar que foi esta pergunta que motivou Jesus a contar a parábola do bom samaritano.

Antes de discorrer sobre a questão do ‘próximo’, fazemos um paralelo com a parábola do jovem rico, apresentada por Lucas no capítulo 18,18-23. Segundo Bailey (2009, n.p.) há a existência de uma semelhança teológica, e até estrutural, pois se passa em um diálogo, este, porém, mais curto. Como o legista, o jovem rico também queria saber o que fazer para herdar a vida eterna. Porém, o seu questionamento aparentou ser legítimo, e não com a intenção de colocar Jesus à prova. E ainda, Fitzmyer (1986, p. 268) percebe que, com os questionamentos acerca da vida eterna, o legista de Lc 10, 25-28, chegou a algo fundante para o crente: a compreensão de quem é o próximo:

a dupla resposta do jurista ao receber a confirmação de Jesus transforma o duplo mandamento do amor em padrão de conduta para o discípulo de Cristo. Não há amor perfeito a Deus se faltar o amor ao próximo. O parêntese de Jesus é formulado em terminologia típica do Antigo Testamento; embora o episódio seguinte (Lucas 10,29-37) se encarregará de definir quem é ‘o próximo’.

O ensinamento de Jesus a respeito daquele que deve ser considerado o próximo, trazido por Lucas nesta perícopa abre um leque, conforme apresenta Meneses (2020, p. 88):

a novidade da mensagem de Jesus não reside tanto na exigência do amor total devido ao Senhor, que se afirma já, no Antigo Testamento, (Dt 6; 5; 10, 12-13; 30, 6; Eclo. 7, 30), nem tão pouco no compromisso de 'amar o próximo', mas pela parábola lucana do bom samaritano que conduz à superação do conceito tradicional do 'próximo', abrindo-o aos horizontes da universalidade do amor, inconcebível no judaísmo ortodoxo.

A pergunta final não se resume a uma pura intenção, uma vez que o objetivo que o legista havia iniciado o diálogo não foi alterado: ele queria provar Jesus, e para Cipollini (2016, p. 20-21), a intenção para o legista ter feito tal pergunta foi outra:

na realidade ele queria perguntar qual é a graduação, os graus diversos para considerar uma pessoa como 'próximo'. Os rabinos consideravam o caso de um pagão ou samaritano ferido na estrada, respondendo à pergunta se ele devia ser socorrido ou não. A resposta é não, porque isto lhe tornaria impuro duas vezes, porque você estaria socorrendo um ferido que é não somente pagão, mas também herege.

Jesus compreende a intenção, e como bom mestre, dedica um tempo maior na explicação, dedica uma história. Kunz (2016, p.63), afirma que:

a resposta de Jesus à pergunta do intérprete, em forma de parábola, não terá apenas dado uma definição do conceito de próximo, mas deve ter dito por onde dentro da comunidade do povo passa a fronteira limitante do dever do amor. 'Até onde vai a minha obrigação? '. É este o sentido da pergunta.

Uma vez que quem faz a pergunta trata-se de um legista, é fácil compreender que a sua preocupação além de pôr Jesus à prova e conseqüentemente se justificar, era também, dentro da Lei, saber seu dever, aquilo que seria obrigado. O alargamento do conceito de "próximo" que Jesus trouxe contrariou sua intenção e poderia, sem dúvidas, ampliar sua visão.

A surpresa de Jesus durante o diálogo veio por meio da parábola, que inclusive estaria inaugurando uma nova forma de pensar, bem retratado por Patuzzo e Navarro (2020, p. 162), quando afirmaram:

Joachim Jeremias diz que a pergunta acerca do que entende a Sagrada Escritura por próximo é justificada, pois seria um assunto debatido naquele tempo. Havia certa unanimidade nesta época quanto ao que se entendia por próximo: os membros do povo de Israel, no qual também estavam englobados os prosélitos. Porém existia discordância no que diz respeito às exceções, sendo que os fariseus colocavam de fora os não fariseus; enquanto que os essênios excluía os chamados 'filhos das trevas'. Além

destas exceções, Joachim Jeremias faz referência a um dito rabínico popular, em que não se considerava como próximo os hereges, os denunciadores e os apóstatas. Esta concepção da máxima popular também excluía o inimigo pessoal do mandamento do amor.

Jesus então retoma o diálogo, dando uma aula acerca da compaixão e misericórdia que, uma vez inserida na vida, são capazes de fazer herdar a vida eterna. Segundo Bailey (2009, n.p.), Jesus quer que o legista saiba que pode herdar a vida eterna pela misericórdia, e não por esforço pessoal, no cumprimento de Leis, pois: “só quem decide pôr em prática o mandamento do amor pode alcançar a vida” (Fitzmyer, 1986, p. 272).

3.2 VERSÍCULOS 30-32 - OS ASSALTANTES, O HOMEM, O SACERDOTE E O LEVITA

Nos versículos agora estudados, é apresentado o início da parábola contada por Jesus. Ela é composta por múltiplos personagens, no entanto, a ênfase recai nas ações de cada um:

30Jesus retomou: ‘Um homem descia de Jerusalém a Jericó, e caiu no meio de assaltantes que, após havê-lo despojado e espancado, foram-se deixando-o semimorto. 31Casualmente, descia por esse caminho um sacerdote; viu-o e passou adiante. 32Igualmente um levita, atravessando esse lugar, viu-o e prosseguiu. (Bíblia de Jerusalém, 2010, Lucas 10, 30-32, p. 1808).

A parábola contada por Jesus inicia dizendo que um homem descia de Jerusalém para Jericó quando foi assaltado, espancado e deixado quase morto. Detalhando a geografia do local, Fitzmyer (1986, p. 283) explica que “a distância entre as duas cidades era de cerca de cento e cinquenta estádios - aproximadamente vinte e oito quilômetros - através de paisagens ‘desérticas e rochosas’”. Se feito a pé duraria de 9 a 10 horas de viagem. Era comum que o caminho fosse feito em caravanas não somente por causa de sua dificuldade como também porque era um local propício para a ação de assaltantes. O homem semimorto nesse caminho, no entanto é apresentado por Jesus, como alguém que fazia esse trajeto sozinho, e teve azar, pois foi apanhado pelos assaltantes. O levita, o sacerdote e o samaritano também transitavam sozinhos, mas a sorte deles foi outra. Bem recorda Cipollini (2016, p. 20)

que: “Esta parábola coloca uma situação limite, na qual o sacerdote e o levita são postos perante a alternativa entre a observância das regras de pureza cultuais, que deviam observar, e o socorro de um moribundo”.

Jericó era conhecida por sua fortaleza que foi derrubada pelo poder de Deus depois de seus habitantes se oporem ao projeto de Deus (Js 6, 1-20). Jericó era uma das cidades onde residiam alguns sacerdotes do templo de Jerusalém (Fitzmyer, 1986, p. 285). Já Jerusalém era o lugar do templo de Deus, visitada pelo povo de Deus, para cumprir preceitos e para se encontrar com Deus. Mosconi (1997, p. 28), contextualiza dizendo que: “Jerusalém era a capital política da Judeia e a capital religiosa de todos os judeus espalhados pelo mundo. Em Jerusalém moravam os donos do poder econômico, social, político e religioso” E sobre a ocorrência da palavra Jerusalém, assim corroboram Brown e Coenen (2000, p.1072), através do Dicionário Internacional de Teologia:

nos Evangelhos Sinóticos e Atos, ‘Jerusalém’ frequentemente denota meramente o lugar, a fim de localizar um evento (Lc 13, 4), para dar o nome do ponto de partida ou destinação de uma viagem (Lc 10, 30), ou para enfatizar a importância de um evento porque até os habitantes da capital tomaram conhecimento dele (Mc 1, 5; Mt 4, 25; Lc 6, 17).

Enfim, é na subida de Jesus a Jerusalém que Lucas narra o coração do seu Evangelho: parábolas com os seus ensinamentos sobre a compaixão e a misericórdia. Por exemplo, a parábola do bom samaritano, objeto de estudo dessa dissertação, Lc 10, 25-37. O percurso é uma descida contínua, de cerca de oitocentos metros acima do nível do mar, que é a altitude de Jerusalém, para cerca de três cem metros abaixo desse mesmo nível, onde está localizada Jericó (Fitzmyer, 1986, p. 283). E chegando em Jerusalém, Lucas relata Jesus executando o seu ministério nas ruas, praças e até no Templo, até as últimas consequências, onde foi morto crucificado. Jesus, ao citar o trajeto de Jericó a Jerusalém, parece querer mostrar uma mudança de situação: da vida para a morte, do rompimento com Deus para a comunicação e busca por ele. Assim, se compreende o trajeto citado (Jerusalém a Jericó), não somente para enfatizar que o caminho era propício para assaltantes agirem.

O homem que descia de Jerusalém a Jericó não estava em uma caravana? Ele não viajava com nenhum parente? Sozinho, ele se encontrava numa situação semelhante à da ovelha perdida (Lc 15, 1-7). E o que o samaritano fez com “esse

homem” não poderia ser compreendido como a continuidade do encontro com a ovelha que se perdeu?

No versículo 31 aparece um personagem também sem nome, somente com a identificação de se tratar de um sacerdote. Ele vê o homem e passa adiante. Igualmente, um levita (verso 32), passa naquele caminho ao lado do homem semimorto, o vê, mas também segue o seu caminho. O fato de ver e ainda assim, seguir normalmente o caminho como se nada tivesse acontecido, reúne várias possibilidades de interpretação. Karris (2011, p. 270), acredita que “estes importantes exemplos de pessoas observantes da lei não auxiliam o homem ferido, e, aparentemente morto por medo de ficarem impuros”. Portanto, a crítica não é a essas categorias de pessoas, mas à Lei. Tocar em um cadáver ocasionaria tornar-se impuro (cf. Lv 5,2-3; 21,1-3; Nm 5,3; 6,6-8; 19,1-22; Ez 44,25-27). Para Meneses (2020, p. 86), “aquilo que interessava ao sacerdote e ao levita era o rito litúrgico do Templo e a vivência da *Torah*, em detrimento da misericórdia, que o profeta Oseias afirmava como estando acima da *Torah*”.

Fitzmyer defende que para que o significado da narrativa seja alcançado é necessário considerar o *status* privilegiado dos sacerdotes e levitas na área do judaísmo palestino da época. Eram pessoas importantes no meio religioso e gozavam de *status* diante das pessoas, uma vez que se dedicavam totalmente ao Senhor. E, por isso, para essa classe, a impureza que poderiam incorrer pelo contato comum quase morto “era muito mais grave do que a de um judeu normal” (Fitzmyer, 1986, p. 278). Diante disso, se não fosse o ensinamento de Jesus sobre a compaixão e a misericórdia, eles estariam justificados perante a Lei.

O verbo “ver” é importante nessa parábola. Nos versículos aqui analisados, ele “condena” os personagens justamente pelo que fizeram (ou não fizeram), olhando para um homem semimorto que apareceu em seu caminho. Nos versículos posteriores, o ver foi o momento fundante das ações do samaritano, como veremos posteriormente. No entanto, para Pagola (2012, p. 180) a omissão dos dois personagens é mais criticada, pois tratava-se de liderança religiosa na época, o que, por causa de sua função, a ajuda, o socorro e o cuidado deveriam ter aparecido:

chega-se pelo caminho um sacerdote, um levita. Ambos são dirigentes religiosos (lideravam a sociedade judaica) e, portanto, pertencem ao mundo oficial do templo. Neste momento, é esperado que o problema tivesse solução, pois destes religiosos esperava-se ajuda, socorro e cuidado; contudo dão uma volta ao redor da situação sem deter-se nela, e seguem o caminho.

A crítica é exatamente porque, tanto o sacerdote quanto o levita, se apegam à Lei e se esquecem de proteger a vida. Jesus sabia o que ele queria ensinar ao legista, por isso, evidencia a atitude dele e como ele interpretava a lei.

e a santidade que se esperava do sacerdote e do levita não acontece, pois, observando às leis israelitas de pureza, eles estavam proibidos de tocar em cadáver que não fosse da família (Lv 21,1-3). Tementes à lei, escolheram preservar a sua pureza e ignoraram o homem ferido e aparentemente morto por medo de ficarem impuros (Hahn; Mitch, 2015, p. 77 apud Patuzzo, Navarro, 2020 p. 162).

Fitzmyer (1986, p. 280) não oferece questionamentos acerca do amor a Deus, que ambos possuíam e, faz a seguinte observação:

não é que ao sacerdote e ao levita faltasse amor a Deus – a sua dedicação à sua tarefa é um testemunho confiável”. Toda indagação envolta as condutas do levita e do sacerdote, são relacionadas ao próximo, porque apesar de amarem a Deus “quando o seu amor pelo próximo foi testado, um vazio profundo foi encontrado, enquanto no Samaritano ele brilhou em todo o seu esplendor.

Além da compreensão das funções desses personagens da parábola, é digno de nota conhecer melhor o levita e o sacerdote. Apresenta Fitzmyer (1986, p. 285):

a condição dos levitas mudou progressivamente, de acordo com os vários períodos históricos, especialmente quando os clãs sacerdotais cresceram desproporcionalmente. Foram muito poucos os levitas que regressaram do exílio na Babilônia (cf. Esdras 2,36-43), mas muito rapidamente alcançaram uma posição social, que lhes deu o direito de cobrar o dízimo dos serviços sacerdotais (cf. Ne 10, 37- 38).

E também, no Dicionário Internacional de Teologia, de acordo com Brown e Coenen (2000, p. 1192):

Levita era qualquer descendente do terceiro filho de Jacó, Levi, mas o termo raramente se emprega assim no AT. Normalmente, refere-se aos descendentes masculinos de Levi à parte dos sacerdotes, os descendentes de Arão, isto é, refere-se àqueles que tinham o direito de servir no santuário num papel subordinado.

E quanto ao sacerdote? Fitzmyer (1986, p. 284) nos responde que “a narrativa provavelmente se refere a um dos sacerdotes que estava de serviço no templo de Jerusalém e que, no final do seu turno, voltou silenciosamente para casa”. E ainda, sobre o sacerdote, o Dicionário Bíblico (p. 105) traz a seguinte definição:

ministro sagrado, encarregado de oferecer diariamente sacrifícios e holocaustos e queimar incenso no altar. O sacerdócio era hereditário: chegando à idade estabelecida na lei, o sacerdote era consagrado (Ex 29; Lv 8–10; Nm 18). Além das tarefas culturais, aos sacerdotes cabia a instrução do povo em assuntos religiosos e administração dos bens do templo. No NT os anciãos, ordenados pelos apóstolos (At 14,23), supervisionavam as comunidades (20,17), pregavam, instruam e dirigiam os fiéis (1Tm 5,17; 1Pd 5,1).

Ao contar as atitudes do levita e do sacerdote, Jesus parece enfatizar a ruptura que acontece entre fé professada e compreendida e a vivência dela na vida. O que se crê não foi vivido. E conseqüentemente, não foi a misericórdia que apareceu na ação de nenhum. No próximo capítulo será tratado que a ‘prática da misericórdia’ é elemento constitutivo da fé, e não elemento relativo.

Para Camargo (2014, p. 58), a sensibilidade diante do sofrimento alheio expressa uma conduta ética tanto quanto a observância religiosa:

segundo o critério de Jesus, a correção do comportamento ético não está na observância austera dos preceitos religiosos, mas sim na sensibilidade humana diante do sofrimento. O perigo está naqueles que não percebem em si mesmos nada censurável; pior ainda quando se trata de pessoas que se consideram ‘observantes’, ‘piedosas’, ‘irrepreensíveis’. Por isso a parábola ousa ao fazer referência ao sacerdote e ao levita que viram o homem ferido no caminho, mas insensíveis ao sofrimento dele, desviaram pelo outro lado, seguindo adiante (Lc 10,31-32).

Ter o conhecimento sobre Deus e suas normas e no momento necessário não conseguir aplicar, é visto por Meneses (2020, p. 80) como um fracasso, ao mesmo tempo que enaltece a ação do samaritano, que nos dedicaremos a analisar, na sequência:

o bom exercício deste sentido e do termo ‘misericórdia’ está na conceptualização que a parábola do Desvalido no Caminho nos traça, onde o ‘Samaritano’ age porque vê o homem, quase morto, e sente ‘compaixão’. Ele faz ‘misericórdia’ ou a remoção das vísceras. Quando nesta ‘história-narrativa’ nos deparamos com motivos teológicos, eles têm um colorido apofático, dado que os dois teólogos que aparecem, o Sacerdote e o Levita, fracassam em face da situação. Passam sem ajudar.

Portanto, o conhecimento de Deus incita e capacita à prática de boas obras em favor de todos, pois é o próprio Lucas quem bem falou que “àquele a quem muito se deu, muito será pedido, e a quem muito se houver confiado, mais será reclamado” (Lc 12, 48). Foi o caso do sacerdote e do levita, porém, sem correspondência.

3.3 VERSÍCULOS 33-35 – AS AÇÕES DO BOM SAMARITANO

Estamos diante do ápice desta perícopes com os versos que se dedicam a narrar as ações do samaritano:

33Certo samaritano em viagem, porém, chegou junto dele, viu-o e moveu-se de compaixão. 34Aproximou-se, cuidou de suas chagas, derramando óleo e vinho, depois colocou-o em seu próprio animal, conduziu-o à hospedaria e dispensou-lhe cuidados. 35No dia seguinte, tirou dois denários e deu-os ao hospedeiro, dizendo: 'Cuida dele, e o que gastares a mais, em meu regresso te pagarei'. (Bíblia de Jerusalém, 2010, Lucas 10, 33-35, p. 1808).

Segundo Bailey (2009, n.p.), o samaritano fez sete ações, enquanto o levita e o sacerdote não fizeram nenhuma. Significativa é essa afirmação, uma vez que anteriormente foi apresentada a conduta dos dois primeiros personagens e o fato de terem visto o homem semimorto, seguido de nenhuma ação de ambos, exemplificando todo o oposto do que foi a conduta do samaritano.

O versículo 33 começa informando que “certo samaritano em viagem”. Trata-se, também, de um personagem anônimo como os demais, mas o fato de ser samaritano muito importa. Antes, porém, observe-se que existe uma informação importante: ele estava em viagem, ou seja, estava com alguma ocupação de ir e vir à algum lugar. Ele tinha tanto um destino quanto um motivo para viajar. Fitzmyer (1986, p. 286) afirma que: “o samaritano está fora de sua região, Samaria, fazendo uma viagem pela Judéia, justamente por essa mesma estrada. Ele chegou onde o homem estava”.

Considerando o capítulo anterior desta parábola, ou seja, Lc 9,51-56, ocasião em que Jesus ‘tomou a firme decisão’ de subir a Jerusalém (v. 51b), e os seus discípulos foram à sua frente para preparar hospedagem para ele num povoado de samaritanos, “mas os samaritanos não o receberam” (v. 53), e porque não o receberam, os discípulos Tiago e João sugeriram que se fizesse descer fogo do céu

sobre estes, porém Jesus os repreendeu. Mais adiante com a parábola do bom samaritano, Lucas demonstra através do ensinamento de Jesus, o exemplo da misericórdia própria de Deus, isto é, ser hospedeiro, acolhedor, ter compaixão e misericórdia, por meio de um samaritano.

Ainda assim, para o Jesus narrado por Lucas, ele tem simpatia pelos samaritanos, inserindo-os em duas perícopes, a do objeto dessa pesquisa, ainda em Lc 17, 11-19, e em Atos 1,8; 8,4-25, quando mandou pregar o Evangelho a eles. Mas, quem seriam os samaritanos?

com a destruição do reino do Norte, grande parte da população foi deportada para a Assíria. Em seu lugar foram enviados colonos assírios (2Rs 17,24-41). A população mista que então se formou deu origem aos 'samaritanos', que permaneceram monoteístas. Quando os cativos do reino de Judá foram repatriados pelos persas (538 a.C.), os samaritanos quiseram aliar-se aos judeus e participar na reconstrução do templo e da cidade. Mas Zorobabel (Esd 4,2) e Neemias não aceitaram (Ne 13,28). Desde então vinha a inimizade entre judeus e samaritanos, mencionada no NT (Lc 9,52-54; Jo 8,48). (Dicionário Bíblico, p. 106).

O fato de Lucas apresentar um samaritano como o personagem principal da parábola de Jesus é significativa e indica a quebra de rejeição e preconceito que era proposta uma vez que:

no NT, samaritanos é o nome dado aos habitantes do distrito de Samaria; mas o nome tem profundos matizes religiosos. Para os judeus, os samaritanos eram um grupo herético e cismático de espúrios adoradores do Deus de Israel, detestados até mais do que os pagãos (Mackenzie, 2003, p. 839).

E sobre isso, corrobora Ulloa (2013, p.363) explica sobre a questão histórico-cultural que culminou na diversidade de religiões na região da Samaria, e o fato dos preconceitos entre judeus e samaritanos:

a questão histórico-cultural que mais nos interessa neste estudo, é recordar o tipo de dominação que os assírios impunham aos povos dominados. O império assírio utilizava a estratégia das deportações e da miscigenação de povos e raças. Por isso, com a vitória assíria, uma grande parte da população da Samaria foi deportada e, ao mesmo tempo, foram trazidas e assentadas populações estrangeiras em seu território. Desta forma, devido às diversas deportações, a Samaria tornou-se uma região pluriétnica e,

consequentemente, plurirreligiosa (2Rs 17,24-41). Com a formação e institucionalização do judaísmo do Segundo Templo, após o retorno do Exílio da Babilônia (a partir de 538 a.C.), em Judá, cristalizou-se progressivamente a ideia de que os samaritanos eram um povo impuro (por causa da miscigenação promovida pelos assírios). De fato, os judeus passaram a considerar que os habitantes da Samaria não eram descendentes das 'dez tribos' que originariamente teriam formado o reino do Norte. Portanto, os samaritanos, não sendo herdeiros de Jacó-Israel, estariam excluídos dos benefícios concedidos ao povo eleito.

Até o momento, nos versículos anteriores, ou seja, 25 a 32, acontece um drama entre um diálogo mal-intencionado e uma resposta dada mediante uma parábola. Mas, conforme observa Pagola (2012, p. 180), nessa parábola o inédito acontece:

posteriormente, chega um samaritano. E o que esperar de alguém que não pertence ao povo escolhido e é apenas um desprezível? Deste espera-se o pior. No entanto, daqui surge o inesperado, as estranhas deste homem comovem-se, ele sente compaixão, dá assistência e cuida.

Neste versículo 33 quando Jesus traz o samaritano para demonstrar obras de misericórdia, feitas por ele diante do homem assaltado, Lucas quer transmitir a mensagem de que a parábola ao falar de um samaritano, enfatiza o que de mais importante um ser humano pode sentir diante da vulnerabilidade do outro: ele sente suas entranhas se comoverem. Não há espaço para a indiferença. Portanto, é evidenciado que Jesus, ao contar a parábola, escolhe alguém considerado de raça inferior, o samaritano, para socorrer outro alguém, sem nome. Portanto, ser o próximo para ganhar a vida eterna, significa superar todos os tipos de barreiras. É um anônimo servindo outro anônimo, a diferença entre eles é que um estava necessitado e o outro, naquela ocasião, tinha condições de prestar ações de ajuda. É o que pontua Fitzmyer (1986, p. 280):

contribui também, à sua maneira, para a perspectiva de 'universalismo' que caracteriza a concepção de Lucas; o horizonte abrange também um samaritano e faz dele um paradigma para os seguidores de Cristo. A narrativa sugere que o samaritano também encontrou o caminho para a 'vida eterna'.

Ele fez o que o outro precisava. Mas, quais foram as ações feitas pelo samaritano? Conforme já foi dito anteriormente, um samaritano anônimo estava viajando, e, no seu caminho de repente estava um homem semimorto. O que ele fez? Chegou junto do homem. O enxergou. Moveu-se de compaixão. Se aproximou ainda

mais dele. Derramou óleo e vinho seus, nas suas feridas, praticando o desapego, pois conforme afirma Fitzmyer (1986, p. 286): “esses dois elementos foram as provisões que o samaritano levou para sua viagem”. Enfim, “fazer misericórdia” mediante a compaixão sentida, requer uma certa ousadia e desprendimento, que Jesus bem ensinou através deste samaritano. Tomou-o nos braços, colocando-o em seu próprio animal. O levou até a hospedaria. O que de fato é digno da indagação e reflexão como resposta: “Como poderia um estalajadeiro judeu confiar num viajante samaritano? Porém, esse tipo de pergunta significa não ter entendido a mensagem da história”. (Fitzmyer, 1986, p. 278). Ainda, dispensou-lhes cuidados. Na verdade, o samaritano quebrou todas as regras do bom senso e da prudência ao se misturar a alguém sujo de sangue, quase morto, além do que, samaritanos não se misturavam com judeus. Ainda assim, ele colocou em uso suas reservas (óleo, vinho), seu animal, se colocou na possibilidade de uma dívida, na sua volta. Movido de um amor interior forte que o impulsionou a ações concretas e ao mesmo tempo fortes, o samaritano agiu com o melhor modo que poderia. Dois dos seus itens usados, demonstram isso:

no Antigo Testamento, o óleo tem a misericórdia de amenizar o ardor das feridas: «A cabeça está dolorida, o coração está exausto, da planta do pé à cabeça não há parte ilesa: feridas, hematomas, feridas recentes, não espremido nem enfaixado, nem apaziguado com unguento (= óleo) » (Is 1:5-6). Por outro lado, no Novo Testamento o óleo serve, sobretudo, para a unção dos enfermos (cf. Marcos 6,13; Tiago 5,14). As propriedades principalmente ácidas do vinho têm efeitos antissépticos (Fitzmyer, 1986, pp. 286- 287)

Exemplos de retidão, piedade e compaixão frente à vivência da Lei deveriam ser provenientes do levita e do sacerdote, no entanto na parábola, é o terceiro personagem o gentio samaritano quem os pratica. O evangelista mostra Jesus apresentando o cumprimento da Lei, justamente quem os seus ouvintes jamais poderiam imaginar. Para justificar o levita e o sacerdote, poderia ser argumentado que eles tinham compromissos a cumprir diante da Lei e a intenção reta de fidelidade. No entanto, samaritanos também tinham normas a cumprir: “As prescrições relativas à impureza legal contraída pelo contato com cadáver também faziam parte do Pentateuco Samaritano” (Fitzmyer, 1986, p. 279). A diferença se deu na compaixão sentida, que levou o terceiro personagem à ação, ele “fez misericórdia”, porque conforme percebe Fitzmyer (1986, p. 279):

toda aquela legislação não foi obstáculo para que o protagonista da nossa história colocasse seus sentimentos de compaixão e dedicação diante de qualquer tipo de restrição legal que, em casos como este, deve ser superada pela misericórdia e pelo amor.

Quando Jesus começa a contar a parábola, ele está respondendo à pergunta feita pelo legista: “quem é o meu próximo?”. (Lc 10, 32); e através das ações do bom samaritano, Jesus amplia para além fronteira a compreensão acerca de quem seja o “próximo”. É o que acrescenta Camargo (2014, p. 53):

para o contexto histórico e geográfico usado nessa parábola, tendo como personagem que manifestou o amor ao próximo um estrangeiro samaritano, Jesus amplia a categoria de ‘próximo’ para além da circunscrição de família, uma etnia ou de compatriotas. Equivale a dizer que o amor ao próximo diz respeito à pessoa humana e não a um complemento à sua realidade.

Para Meneses (2020, p. 84), este que é apresentado como o “próximo” é um “dom” vindo de Deus Pai. No caminho do samaritano, foi o homem semimorto que se apresenta. Ele interrompe o caminho deste homem, com o seu sofrimento. E, portanto, recebe-lo no caminho, como foi feito pelo samaritano, é um dom em resposta a este:

a responsabilidade supõe o reconhecimento da Aliança, dado que somos recebidos como ‘dom’. Exige-se, assim, uma responsabilidade que faça da ‘resposta’ uma tarefa (Aufgabe). Perante esta responsabilidade, o Desvalido no Caminho (semimorto) constitui-se como ‘Gabe’ (dom) e o Samaritano apresenta-se como ‘Aufgabe’ (contra-dom / tarefa). A responsabilidade é uma ‘Vorgabe’ (armazão), aparecendo como ‘condição para a misericórdia’, que vem de Deus-Pai, através do Des-valido, para o Samaritano. Finalmente, há uma ‘Eingabe’ (petição / apelo) pelo silêncio e pelo sofrimento do Outro (desvalido). Porém, o Samaritano, pela eleição do Desvalido, realiza uma ‘Vergabe’ (entrega) pela comoção ou estremecimento das vísceras, aplicando óleo e vinho e curando-Lhe as feridas (Lc 10, 33-34). O Samaritano, pela responsabilidade, ‘entrega-se’ ao Desvalido no Caminho, porque este se entregou primeiro ao Samaritano (Meneses, 2020, p.84).

Portanto, sentir compaixão e fazer atos de misericórdia pelo ‘próximo’, se dá a partir de escolha. Por isso que, no caminho, pode-se ver e não se decidir a nada, como demonstrado pelo levita e sacerdote. Mas, é possível ver e, vendo, sentir nas entranhas o amor, ou seja, pode-se ter compaixão, e escolher externá-la com atos concretos em favor do outro. O samaritano da parábola fez essa escolha:

logo, a responsabilidade pelo Outro refere-se como uma ‘eleição’. O eleito nada faz para ser bom, ele é solicitado pelo Bem na proximidade. Assim se passou com o Samaritano que foi ‘eleito’ pelo Outro, no caminho, porque Este

o chamou. O protagonista é o Desvalido. A esta parábola deveria chamar-se 'narrativa do Desvalido no Caminho' com um subtítulo: o Samaritano pelo comportamento misericordioso, podendo, também, denominar-se narrativa do Homo Viator. A responsabilidade, assim compreendida, ultrapassa a fundada sobre uma 'livre escolha'. Aqui está presente uma responsabilidade de Infinito, uma responsabilidade por tudo e por todos. A minha responsabilidade é anterior à minha liberdade na medida em que sou chamado a responder ao 'amor' (Meneses, 2020, p.84).

Para Fitzmyer (1986, p. 279) existe um contraste - sentimentos de piedade e atenção do samaritano, com insensibilidade, indiferença e absoluto descuido inspirados pela Lei:

o sentimento de piedade e a atenção que um cismático samaritano presta a um pobre, vítima de salteadores de estrada, contrasta fortemente com a insensibilidade e o absoluto descuido, talvez inspirados pela própria lei, de dois qualificados representantes do culto judaico; justamente aqueles que, pela sua função e por pertencerem a uma determinada tribo, tinham a função de 'purificar' os atingidos por alguma contaminação física.

Ao narrar esta parábola, Jesus está indicando que esse contraste é inconcebível para aquele que pretender herdar a vida eterna, uma vez que compromete a vivência do mandamento maior. Karris (2011 p. 270), enfatiza que "por ter praticado a lei, o samaritano marginalizado mostra que ele é um próximo, um membro do povo de Deus, alguém que herdará a vida eterna".

Todavia, é necessário salientar que nos primeiros séculos da Igreja primitiva era consenso esse entendimento: o bom samaritano simbolizava Jesus. Isso porque:

Jesus se aproxima e age em favor da vida sem se preocupar com leis de impurezas rituais. Ele demonstra assim o novo rosto de Deus Pai que vai ao encontro do seu povo visitando-o e dando-lhe motivos para que exulte de alegria e glória (7,16) (Perondi, 2015, p. 238).

No segundo século, por exemplo, Irineu e Clemente, lendo alegoricamente a parábola do bom samaritano, viam no samaritano a figura Jesus Cristo. Posterior a ambos, Orígenes amplia seu sentido trazendo uma significativa contribuição para o sentido cristológico:

este guardião das almas apareceu verdadeiramente mais próximo que a Lei e os Profetas, ele 'que fez misericórdia àquele que havia caído na mão dos bandidos', e mostrou-se seu próximo não tanto em palavras, mas em atos. É, pois, possível, segundo o que é dito: 'Sereis meus imitadores, como eu o sou de Cristo', que imitemos o Cristo e que nos compadeçamos daqueles que 'tenham caído na mão dos bandidos'; que nos aproximemos deles, que

ponhamos ataduras em suas feridas, que derramemos óleo e vinho, que os coloquemos sobre nossa própria montaria e carreguemos seus fardos. E é por isso que o Filho de Deus, exortando-nos a tais recomendações, se dirige não tanto ao doutor da Lei quanto também a nós todos: 'Vai tu também e faz de modo semelhante'. Se tivermos agido de modo igual, obteremos a vida eterna no Cristo Jesus: 'a quem pertencem a glória e o poder nos séculos dos séculos. Amém'. (Orígenes, 2016, p. 110)

Sendo assim, ela expressa a essência divina, que age em favor da humanidade. “A tradição patrística e medieval deu uma interpretação cristológica a esta parábola, vendo no ‘bom samaritano’ a figura de Jesus Cristo, o bom pastor que se compadece e age com misericórdia diante dos sofrimentos humanos”. (PERONDI, 2015, p.238-239). Fitzmyer (1986, p. 280) confirma: “Desde Marcião e Irineu, passando pela Idade Média e pela época da Reforma, até o século XIX, tem sido comum uma explicação cristológica - Cristo é o bom samaritano”.

Para Camargo (2014, p. 57), ao finalizar a parábola com um imperativo é explicado pela identificação do samaritano com Cristo:

Jesus assumiu para si, com amor comovido, o sofrimento humano. Dessa forma, sendo Ele considerado o paradigma da máxima humanidade possível, é seu exemplo que deve ser imitado. Deve-se reconhecer o rosto de Cristo na pessoa a quem se presta ajuda, a exemplo de como se pode perceber nesse samaritano anônimo o próprio Cristo. Dessa forma termina Cristo sua parábola: ‘Vai e faze tu a mesma coisa’ (Lc 10, 37).

Ir e fazer a mesma coisa, torna-se assim equivalente a ser outro Cristo no mundo, ou seja, aquele que ama e acolhe a todos sobretudo os que estão em situações de maior vulnerabilidade.

A perícopes trabalha com duas palavras fundamentais, contidas na parábola, uma na boca de Jesus - compaixão (Lc 10, 33), e a outra proferida pelo legista - misericórdia (Lc 10, 37), e muito contribui, sobretudo para a compreensão da proposta do Papa Francisco, apresentada a partir de seus dois documentos que serão expostos no próximo capítulo.

Lucas coloca na boca de Jesus a palavra compaixão, referindo-se ao amor sentido nas entranhas (*splangxizomai*). Dessa maneira, Perondi (2015, n.p) corrobora com a compreensão do significado de compaixão:

a compaixão vem do verbo grego *splangxizomai* e se refere aos órgãos vitais *splangna* (coração, rins, pulmões e fígado). Portanto, agir com compaixão é sentir com as entranhas. No Novo Testamento é pouco usado.

Em Marcos e Mateus é exclusivo para Jesus, é um sentimento messiânico. Lucas usa apenas três vezes este verbo.

Kasper (2012, p. 62) explicando sobre a misericórdia pontua que:

o termo mais importante para a compreensão da misericórdia é *hesed*, que significa favor imerecido, afabilidade, benevolência e, por conseguinte, também designa a graça e a misericórdia divinas. Assim, efetivamente, *hesed* vai para além dos meros enternecimento e tristeza pela aflição do ser humano e designa a solicitude livre e indulgente de Deus por ele. Trata-se de um conceito relacional que não alude a nenhuma ação isolada, mas sim a uma ação que se prolonga no tempo.

A referência à misericórdia, não como uma ação isolada, mas uma ação que se prolonga no tempo por ser relacional, nesse trabalho, denominamos “misericórdia como estilo de vida”, referindo-nos a uma conduta humana, que pode ser assimilada, a exemplo da Trindade, e vivida mediante a decisão pessoal. Para Perondi (2020, p. 248) o verbo “ver”, que é descrito como a primeira reação, gerou um amor visceral que o fez agir, com atitudes para mudar aquela situação. Portanto, o argumento que inclusive será tratado no próximo capítulo, é que, porque sentiu compaixão, fez atos de misericórdia. Será considerada ainda, a influência que o papa Francisco tem em relação a esse argumento.

3.4 VERSÍCULOS 36-37 - CONCLUSÃO DA PARÁBOLA E DA CONVERSA COM O LEGISTA.

Nos versículos finais desta perícopie, Jesus interpela o legista e ele responde a sua pergunta com outra:

36Qual dos três, em tua opinião, foi o próximo do homem que caiu nas mãos dos assaltantes? ' 37Ele respondeu: 'Aquele que usou de misericórdia para com ele'. Jesus então lhe disse: 'Vai, e também tu, faze o mesmo'. (Bíblia de Jerusalém, 2010, Lucas 10, 36-37, p. 1808).

Fitzmyer (1986, p. 272) interpreta que a parábola traz um novo significado ao significado de “ser próximo”: seu próximo é justamente aquela pessoa necessitada, que você encontra no seu caminho. Mas, na verdade, a narrativa dá um significado diferente ao termo “próximo”. No sentido mais exato, “próximo” é aquele que demonstra benevolência e “cordialidade” para com os outros. E, por sua vez, Karris (2011, p. 270) afirma que:

a pergunta de Jesus vira a pergunta do legista de cabeça para baixo: não pergunte sobre quem pertence ao povo de Deus e, portanto, quem poderia ser objeto de meu amor ao próximo, mas pergunte sobre qual deveria ser a conduta de uma pessoa que se considera membro do povo eleito de Deus.

Bovon (2002, p. 122) é positivo, percebendo que a resposta do legista indica que a conclusão do diálogo foi de concordância entre ambos: “O legista e Jesus finalmente concordaram. Com a pedagogia do professor, o discípulo evolui. Ele compreendeu a nova definição de próximo que Jesus queria levá-lo”. O legista, porém, não consegue responder: “o samaritano”, mas sim: “aquele que usou de misericórdia”. Na boca do legista, Lucas coloca a palavra misericórdia. Apesar de que, na interpretação de Fitzmyer (1986, pp 277-278): “Outro recurso é a estudada ambiguidade da resposta do jurista, que, como um bom judeu, evita falar diretamente de um ‘samaritano’ e substitui esse nome por uma perífrase: ‘aquele que ‘teve misericórdia dele’”. Nessa pesquisa é apresentada uma contribuição baseada na compreensão do Papa Francisco. Trata-se da constatação de que o legista demonstra que compreendeu o ensinamento que Jesus trouxe, isto é, o de praticar a misericórdia. E, sobre isso, será tratado na próxima seção.

Vale destacar que para Perondi (2015, n.p.) há uma relação entre a compaixão e a misericórdia, compreendendo-as quase como sinônimas. Ele assim se expressa:

misericórdia tenta traduzir termos hebraicos: *rahamim* é o sentimento das vísceras maternas diante dos outros; *hesed*, é a piedade, o amor que une duas pessoas; *hen*, é a graça de Deus. O grego usa *èleos* para este amor que exprime o sentimento interior ou o verbo *oiktírmō* e seus derivados que indica a expressão externa da misericórdia.

Portanto, a resposta do legista no versículo 37: “Aquele que usou de misericórdia para com ele”, se assemelha à compreensão grega do verbo *oiktírmō*, indicando a expressão externa da misericórdia, que nessas páginas é referida como “atos de misericórdia” e/ou “fazer misericórdia”.

Compreender que para ter a vida eterna é preciso seguir o exemplo do bom samaritano e se tornar próximo de todos os que se colocam nos caminhos da vida de cada um, com sofrimentos e necessidades que, a partir de um coração compadecido, realiza obras de misericórdia para mudar as situações, não é um indicativo para a criação de super-homens e supermulheres, uma vez que a vivência do amor, expressada na compaixão e misericórdia é fruto da ação do Espírito Santo em cada

um que se decide a aceitar tal dádiva. Acontece que “o amor a Deus induz a ser compassivo (cf 6, 36) com o próximo, sobretudo em relação aos próximos no plural, isto é, os que sofrem e jazem à beira do caminho, esquecidos por todos” (Mascilongo; Landi, 2022, p. 216). Portanto, esta exortação final da parábola deixa claro que o amor será o critério para herdar a vida eterna:

a exortação final da parábola do bom samaritano, ‘Vai e faz tu a mesma coisa’ (Lc 10,37) deixa evidente a plena sintonia com a parábola do juízo final, narrada no Evangelho de Mateus, na qual Jesus esclarece que o amor é o critério definitivo para se ajuizar sobre o valor ou a inutilidade de uma determinada existência humana. Jesus se identifica com os marginalizados pela sociedade: ‘no mais pequenino encontramos o próprio Jesus e, em Jesus, encontramos Deus’ (Camargo, 2014, p. 59).

Por fim, numa leitura à luz do que seria certo diante da Lei, o levita e o sacerdote foram exemplares. Cumpriram os preceitos religiosos. Não se aproximaram do homem quase morto, pelo caminho que passavam, para não se contaminar e para poder seguir exercendo suas funções religiosas. Porém, com essa história, Jesus quer ensinar algo além. Por isso, o samaritano, que nem era bem visto, que se arriscou e quebrou preceitos e preconceitos é o exemplo do que é ser misericordioso como o Pai é misericordioso. “Portanto, o que Lucas pretende é deixar evidente que assim como Jesus diante da situação de morte (7,13) agiu com compaixão, o mesmo se espera dos seus seguidores, daqueles que buscam alcançar a vida eterna, como fez o samaritano que sentiu compaixão (10,33) e agiu com misericórdia e com ações eficazes em favor do homem semimorto (10,37)”. (Perondi, 2016, p. 242)

Já foi citado aqui que o Evangelista Lucas, no capítulo 6, verso 36, apresenta um fundamental mandato a ser misericordioso como o Pai é. E isso, Lc 10, 25-37 demonstra de forma ímpar, dentre os textos da Sagrada Escritura, tanto nas ações do bom samaritano da parábola, que trazem a compreensão acerca da compaixão e da misericórdia, como neste mandato de Jesus que finaliza o seu diálogo.

4. COMPAIXÃO E MISERICÓRDIA À LUZ DAS MENSAGENS DO PAPA FRANCISCO

Desde a sua eleição em 13 de março de 2013, o papa Francisco tem incessantemente enaltecido a divina misericórdia e procurando relacioná-la a ação humana. Aponta ele: “estou cada vez mais convencido de que isto é um *kairós*, a nossa época é um *kairós* de misericórdia, um tempo oportuno” (Francisco, 2016, p. 35).

Lucas 10, 25-37 foi a parábola escolhida para a análise da ocorrência da compaixão e da misericórdia, pois indica um dos textos mais completos sobre a temática. O bom samaritano sentiu compaixão e agiu com misericórdia, independentemente de quem fosse. Nesse sentido, o papa Francisco tem sido o bom samaritano diante de tantos caídos pelo caminho na atualidade, sem considerar crenças e raças, mas tão somente a necessidade daqueles que ele se faz próximo. Assim ele se expressou em uma entrevista: “A mensagem de Jesus é a misericórdia. Para mim, digo com humildade, é a mensagem mais forte do Senhor”. (Francisco, 2016, p. 16). E, porque acredita ser esta a mensagem mais forte, ele tem conclamado a Igreja através de sua conduta e mensagens, a ser a igreja samaritana, ou seja, uma Igreja que vive e faz misericórdia a todos. “Sim, acredito que este é o tempo da misericórdia. A Igreja mostra o seu rosto materno, o seu rosto de mãe à humanidade ferida. Não espera que os feridos batam à sua porta, vai à procura deles pela rua, acolhe, abraça, cuida, e faz com que se sintam amados” (Francisco, 2016, p. 35).

Portanto, a partir da perícope estudada, realizaremos uma análise teológica das mensagens de misericórdia do papa Francisco, embasada em dois dos seus documentos: a *Misericordiae Vultus* e a *Fratteli Tutti* - especificamente o seu segundo capítulo, no intuito de atualizar e demonstrar as possibilidades de condutas pautadas na misericórdia para com todos.

4.1 NA MISERICORDIAE VULTUS

No terceiro ano de pontificado o papa Francisco presenteava a Igreja com o Jubileu Extraordinário da Misericórdia, que foi inaugurado em 8 de dezembro de 2015, por ocasião da Festa da Imaculada Conceição, e encerrado em 20 de novembro do ano seguinte na Solenidade de Cristo Rei do Universo. Müller (2018, p. 28) enaltece não somente a decisão do Papa, mas ele mesmo:

o Papa Francisco é filho do Concílio Vaticano II, o qual abriu as portas da Igreja para o mundo. Foi um dos colaboradores da Teologia da Cultura e, como bom discípulo de Inácio de Loyola e Tomás de Aquino, seguidor de Jesus encarnado na cultura do povo. Fiel a Igreja e sensível com as realidades do povo pobre defende uma Igreja de discípulos-missionários que faz da oração um impulso para ação.

A bula de proclamação deste Ano Santo, intitulada *Misericordiae Vultus* revelou a Igreja de misericórdia que Francisco intuiu como necessária para os tempos atuais. Ele inicia afirmando que “Jesus Cristo é o rosto da misericórdia do Pai” (Francisco, 2015, p. 3), sintetizando assim que em Jesus essa misericórdia do Pai foi revelada e, portanto, nos tempos atuais, a Igreja deve ser capaz de ter conduta adequada ao agir do Pai, manifestada no Filho, pela unção do Espírito. Por isso, assim se expressa sobre o objetivo deste Jubileu da Misericórdia:

há momentos em que somos chamados, de maneira ainda mais intensa, a fixar o olhar na misericórdia para nos tornarmos nós mesmos sinal eficaz do agir do Pai. Foi por isso que proclamei um *Jubileu Extraordinário da Misericórdia* como tempo favorável para a Igreja, a fim de se tornar mais forte e eficaz o testemunho dos crentes. (Francisco, 2015, p. 4).

Em consonância a esta pesquisa realizada, a grande contribuição que este documento traz está exatamente no fato de que, nele, Francisco deixa claro o critério fundamental de vida cristã: viver de misericórdia. Tanto como receptores da misericórdia divina, quanto aqueles que são emissores dessa misericórdia, uma vez que as receberam, ele enfatiza, devem transmitir. “Em suma, somos chamados a viver de misericórdia, porque, primeiro, foi usada misericórdia conosco” (Francisco, 2015, p. 14). Ele fala da Igreja como instituição evangelizadora, composta por um conjunto de filhos de Deus e, portanto, adeptos à sua proposta, mas fala também a cada um, que como batizado, tem o compromisso de transmitir a face do Pai, que é misericórdia, por sua vivência coerente a vida cristã:

a Igreja tem a missão de anunciar a misericórdia de Deus, coração pulsante do Evangelho, que por meio dela deve chegar ao coração e à mente de cada pessoa. A Esposa de Cristo assume o comportamento do Filho de Deus, que vai ao encontro de todos sem excluir ninguém. No nosso tempo, em que a Igreja está comprometida na nova evangelização, o tema da misericórdia exige ser reproposto com novo entusiasmo e uma ação pastoral renovada. É determinante para a Igreja e para a credibilidade do seu anúncio que viva e testemunhe, ela mesma, a misericórdia. A sua linguagem e os seus gestos, para penetrarem no coração das pessoas e desafiar-las a encontrar novamente a estrada para regressar ao Pai, devem irradiar misericórdia. (Francisco, 2015, p. 18).

O novo entusiasmo, parte do chefe da Igreja apontando por primeiro a misericórdia divina e, assim, impulsionando a atividade pastoral, porém, contando com cada cristão decidido com a causa do Reino. Para Francisco (2015, pp.18-19), as paróquias, comunidades, associações, movimentos, enfim, onde tiver a presença de cristãos, qualquer pessoa deve poder fazer a experiência de um “oásis de misericórdia”, baseado na verdade de que Deus é amor, que é expresso em perdão, dom si, e que a Igreja deve, portanto, ser a medianeira desta misericórdia do Pai que pode ser expressada de inúmeras formas. Portanto, o “ser misericordioso como o Pai” é apresentado como um programa de vida - um programa de vida que se empenha para gerar alegria e paz. Assim, o samaritano da parábola, demonstra como que, no caminho da vida, esse estilo de viver, pode se manifestar.

Compreender a misericórdia como um programa de vida passa pela adesão livre e comprometida de cada pessoa. É um programa de vida para a Igreja e para cada membro da Igreja. Sobre isso, o antecessor de Francisco também se posicionou. João Paulo II, dedicou uma Encíclica² tratando do tema da misericórdia e contribuindo sobre a atuação e necessidade de colocar a misericórdia em prática, acentuando-a também como um ‘estilo de vida’. Ele diz: “Jesus Cristo ensinou que o homem não só recebe e experimenta a misericórdia de Deus, mas é também chamado a ‘ter misericórdia’ para com os demais” (João Paulo II, 2011, p. 68). É ele que vendo a misericórdia como estilo de vida, oferece um tom esperançoso, indicando que esta posição é fruto de uma perseverança, é uma caminhada. Portanto, aqui também nos recordamos do bom samaritano. “Este processo autenticamente evangélico não consiste numa transformação espiritual realizada de uma vez para sempre; mas é todo um estilo de vida, uma característica essencial e contínua da vocação cristã”. (João Paulo II, 2011, p. 69). Portanto, como já afirmado acima, viver a misericórdia é constituinte da vivência cristã:

por isso a Igreja deve considerar como um dos seus principais deveres – em todas as fases da história, mais especificamente na época contemporânea- o dever de proclamar e introduzir na vida o mistério da misericórdia, revelado no seu grau mais elevado em Jesus Cristo. (João Paulo II, 2011, p. 63 e 74).

² Trata-se da Encíclica *Dives in Misericordia* a segunda do Pontificado de João Paulo II, lançada em 1980. Ele a escreveu tratando sobre a misericórdia divina e a necessidade da misericórdia humana.

Dessa forma, a Igreja vem descrevendo e reafirmando ao longo dos anos o que é constituinte da vivência de seguimento de Jesus. E, ao proclamar o Jubileu Extraordinário da Misericórdia, Francisco estava recordando a característica fundamental da vida cristã - viver a misericórdia, ora experimentando-a de Deus - que é rico em Misericórdia (Ef. 2, 4), ora levando-a a todos os que encontramos nos caminhos da vida (Lc 6, 36) - tendo em vista a vida eterna, questão crucial do início do diálogo do legista com Jesus (Lc 10, 25-36).

Jesus expressa a misericórdia do Pai, a sua missão foi cumprida exalando o amor por meio de ações de misericórdia em tudo e com todos os que estavam em seu caminho. O Pontífice aponta que: “A sua pessoa não é senão amor, um amor que se dá gratuitamente” (Francisco, 2015, p. 11). Os Evangelhos são carregados de exemplos desse amor transformado em atitudes, prossegue Francisco (2015, p. 11):

os sinais que realiza, sobretudo para com os pecadores, as pessoas pobres, marginalizadas, doentes e atribuladas, decorrem sob o signo da misericórdia. Tudo nele fala de misericórdia. Nele, nada há que seja desprovido de compaixão.

No entanto, o convite contido nesta Bula de Proclamação e não só, no próprio Jubileu é uma motivação para que cada pessoa, como Igreja que é viva a semelhança de Jesus que “declara que a misericórdia não é apenas o agir do Pai, mas torna-se o critério para individuar quem são os seus verdadeiros filhos. Em suma, somos chamados a viver de misericórdia, porque, primeiro, foi usado misericórdia para conosco” (Francisco, 2015, p. 14). Motivadoras são as palavras de Francisco reforçando que a misericórdia deve ser ideal de vida e, por isso, todo o empenho para o Ano Santo, naquela ocasião:

e, sobretudo, escutemos a palavra de Jesus que colocou a misericórdia como um ideal de vida e como critério de credibilidade para a nossa fé: ‘Felizes os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia’ (Mt 5,7) é a bem-aventurança em que devemos inspirar-nos, com particular empenho, neste Ano Santo.

O fruto da misericórdia na vida cristã é predominantemente a paz. O Jubileu da Misericórdia procurou sobretudo, proporcionar a paz a todos. Não foi diferente o que proporcionou o bom samaritano da parábola ao homem semimorto. Sdardella e Peretti (2018, p. 558), refletem sobre isso, a partir deste documento papal:

a misericórdia, destaca o Papa Francisco na *Misericordiae Vultus*, é o mistério que deve ser contemplado, pois nela temos a alegria, a serenidade e a paz: É Deus Pai, Filho e Espírito Santo que se revela a nós pela misericórdia. Ela é um princípio de vida para cada pessoa, para o que se deixa tocar pela miséria do outro e para o que recebe a misericórdia. Através dela, apesar de nossas limitações, experimentamos o amor e amamos.

Francisco (2015, p. 19), indica alguns caminhos para esse seguimento de Jesus a partir e com a misericórdia, que o Jubileu da Misericórdia estava a fomentar. O primeiro é escutar atentamente à Palavra de Deus, e nela contemplar a misericórdia divina, e nessa contemplação ir assumindo aos poucos o estilo de vida baseada na misericórdia:

portanto, para ser capazes de misericórdia, devemos primeiro pôr-nos à escuta da Palavra de Deus. Isso significa recuperar o valor do silêncio, para meditar a Palavra que nos é dirigida. Deste modo, é possível contemplar a misericórdia de Deus e assumi-la como próprio estilo de vida. (Francisco, 2015, p. 19)

O convite do papa Francisco para o ano da misericórdia é para que os cristãos se espelhassem no bom samaritano, tendo em vista a abertura de coração: “àqueles que vivem nas mais variadas periferias existenciais, que muitas vezes o mundo contemporâneo cria de forma dramática” (Francisco, 2015, p. 21). Não é possível que um seguidor de Jesus ignore as diversas situações, sobretudo, as que se apresentam nos próprios caminhos, ao lado; se na parábola o levita e o sacerdote o fizeram, o cristão na atualidade não devem fazer: “Não nos deixemos cair na indiferença que humilha, na habituação que anestesia o espírito e impede de descobrir a novidade, no cinismo que destrói” (Francisco, 2015, p. 22). Lucas em seu evangelho apresentou Jesus dando o exemplo do samaritano que fez ações que puderam devolver a vida de uma pessoa sofredora. Porque a consequência da misericórdia é a mudança de situação. Quando Deus usa de misericórdia, a conversão acontece. Quando alguém usa de misericórdia com outro alguém, a vida brota. E isso é exatamente o que Francisco (2015, pp. 21 - 22) motiva, pois afirma que é necessário ser bons samaritanos: “Neste Jubileu, a Igreja sentir-se-á chamada ainda mais a cuidar destas feridas, a aliviá-las com o óleo da consolação, a enfaixá-las com a misericórdia e tratá-las com a solidariedade e a atenção devidas”. O bom samaritano ao ver o homem caído semimorto, sentiu compaixão, e foi imbuído de coragem para práticas imediatas. O convite de Francisco assim se expressa (2015, p. 22):

abramos os nossos olhos para ver as misérias do mundo, as feridas de tantos irmãos e irmãs privados da própria dignidade sintamo-nos desafiados a escutar o seu grito de ajuda. As nossas mãos apertem as suas mãos e estreitemo-los a nós para que sintam o calor da nossa presença, da amizade e fraternidade. Que o seu grito se torne o nosso e, juntos, possamos romper a barreira da indiferença que frequentemente reina soberana para esconder a hipocrisia e egoísmo.

O papa aponta a excelência da misericórdia que se culmina na ação concreta. A Bula *Misericordiae Vultus* traz um conteúdo de encorajamento a práticas concretas. Francisco quer uma Igreja misericordiosa, e para isso, é necessário que haja pessoas corajosas. Escolher a misericórdia como estilo de vida é um ato de amor e coragem, pois conduz necessariamente a condutas concretas. E sobre isso, pontuam Perondi e Catenassi (2016, p. 21):

não basta ter o sentimento da misericórdia e da compaixão, tão necessários. Os exemplos narrados no Evangelho de Lucas nos mostram que as pessoas misericordiosas são também pessoas de ações eficazes. Por isso, se a misericórdia aproxima e acolhe os pecadores e excluídos, o perdão é a ação que restaura e reintegra.

Para tal prática, outra sugestão que consta na Bula *Misericordiae Vultus* e que aqui é destacada, uma vez que tem estreita relação com a perícope analisada (Lc 10, 25-37), é a vivência das obras de misericórdia. Além disso, dada a sua pertinência, será dedicada uma atenção peculiar, conforme foi proposto no início da pesquisa. Francisco (2015, p. 22) neste documento assim se expressou:

é meu vivo desejo que o povo cristão reflita, durante o Jubileu, sobre as obras de misericórdia corporal e espiritual. Será uma maneira de acordar a nossa consciência, muitas vezes adormecida perante o drama da pobreza, e de entrar cada vez mais no coração do Evangelho, onde os pobres são os privilegiados da misericórdia divina.

Além da observação feita na parábola do bom samaritano, as obras de misericórdia estão no NT no discurso de Jesus acerca do último julgamento em Mt 25, 31-46, além de outras ocorrências no NT, que também motivam à vivência dessas obras: “Finalmente, sede todos unânimes, compassivos, cheios de amor fraterno, misericordiosos e humildes de espírito” (1Pd 3, 8). Ainda: “Portanto, como eleitos de Deus, santos e amados, revesti-vos de sentimentos de compaixão, de bondade, humildade, mansidão, longanimidade” (Cl 3, 12). Essas obras contribuíram para a compreensão a respeito do que é a misericórdia. “Com base no Novo

Testamento, a tradição cristã especificou logo o que significa em concreto a misericórdia” (Kasper, 2015, 177). As obras de misericórdia são as ações que a expressam e devem ser realizadas pelos cristãos. “Felizes os misericordiosos, porque alcançaram misericórdia”. (Mt 5, 7). O Catecismo da Igreja Católica (2000, 2447), assim conceitua as obras de misericórdia:

... são as ações caritativas pelas quais socorremos o próximo em suas necessidades corporais e espirituais. Instruir, aconselhar, consolar, confortar são obras de misericórdia espiritual, como também perdoar e suportar com paciência. As obras de misericórdia corporal consistem sobretudo em dar de comer a quem tem fome, dar de beber a quem tem sede, dar moradia aos desabrigados, vestir os maltrapilhos, visitar os doentes e prisioneiros, sepultar os mortos. (CIC, 2000, p. 632, n. 2447).

De forma didática Kasper (2015, p. 177), enumera as obras de misericórdia, enfatizando a importância de ambas as modalidades, uma vez que englobam o auxílio ao homem em sua totalidade: corpo e alma. “As sete obras de misericórdia corporais: 1. Dar de comer a quem tem fome; 2. Dar de beber a quem tem sede; 3. Vestir os nus; 4. Dar pousada aos peregrinos; 5. Visitar os enfermos; 6. Visitar os presos; 7. Enterrar os mortos”. E as obras de misericórdia espirituais: “1. Dar bons conselhos; 2. Ensinar os ignorantes; 3. Corrigir os que erram; 4. Consolar os tristes; 5. Perdoar as injúrias; 6. Suportar com paciências fraquezas do nosso próximo; 7. Rezar a Deus pelos vivos e defuntos” (Kasper, 2015, p.177). Acrescentam Sdardella e Peretti (2018, p. 560): “Partindo das obras de misericórdia corporais e espirituais alavancarem-se para as obras de misericórdia sociais, econômicas e políticas, olhando e ajudando aqueles que estão esmagados pelo peso da exploração e da violência”.

Quando na perícopes estudada encontramos o bom samaritano e suas ações de misericórdia, nos deparamos com um paradigma de alguém que primeiro é sensível a necessidade do outro que viu em seu caminho, portanto, que sente nas entranhas o reflexo da situação do outro. As motivações podem ser variadas, talvez, porque em algum momento de sua história, possivelmente já esteve no lugar dessa pessoa, então era ele o necessitado no caminho, e foi alcançado por Deus nas mais diversas formas, e, portanto, ‘ajudado’. Essa constatação fez Bento XVI (2008, p. 27), reforçando a abertura para os irmãos: “a união com Cristo é, ao mesmo tempo, união com todos os outros, aos quais ele se entrega”. Enfatizando que a consequência de estar em Deus, gozar de Sua misericórdia, necessariamente o abre

para todos: “A comunhão tira-me para fora de mim mesmo projetando-me para ele e, desse modo, também para a união com todos os cristãos” (Bento XVI, 2008, p. 27). Portanto, o exercício da vida cristã precisa alterar o modo de agir diante dos outros. Assim, afirmamos que o bom samaritano faz misericórdia, não porque seja superior ao necessitado, mas, porque em algum caminho, já esteve na ‘condição’ dele e compreende exatamente o que isso representa; em última análise, o ser humano sempre é alvo da misericórdia divina.

Portanto, as obras de misericórdia podem ser abraçadas e realizadas, não simplesmente por quem esteja numa condição mais favorável em relação a quem esteja em condição desfavorável. Diante do ‘semimorto’ nos caminhos da vida, a primeira ação é o sentir nas entranhas, e a reação a isto é fazer o que estiver ao alcance para mudar a situação, para trazer a vida. Nesse sentido, corrobora Sobrino (1994, p.15), quando afirma que a misericórdia é uma reação diante do sofrimento alheio interiorizado, e acrescenta que “tirar o coração de pedra e mudar para coração de carne, significa deixar-se mover de compaixão e de misericórdia”. Na verdade, é o que Francisco propõe à Igreja, com a proclamação de Ano Santo da Misericórdia.

Nas ações do bom samaritano vemos manifestas as obras de misericórdia. Observemos o gráfico abaixo:

Quadro 2 – Obras de misericórdia presentes na perícope

Ações do Bom Samaritano (Lc 10, 34-35)	Obras misericórdia corporais e espirituais
Aproximando-se cuidou de suas chagas derramando óleo e vinho	Assistir (visitar) os enfermos/ Consolar os tristes/ Sofrer com paciência as fraquezas
Colocou-o em seu próprio animal	Assistir os enfermos/ Dar pousada aos peregrinos
Conduziu-o à hospedaria	Dar abrigo aos peregrinos
Dispensou-lhes cuidado	Assistir (visitar) os enfermos/ Dar de comer a quem tem fome/ Dar de beber a quem tem sede/ Vestir os nus/ Consolar os tristes
Tirou dois denários e deu-os ao hospedeiro, dizendo: “cuidai dele, e o que gastares a mais, em meu regresso te pagarei”.	Dar pousada aos peregrinos / Dar bons conselhos

Fonte: a autora, 2024

As ações do bom samaritano são majoritariamente expressas pelas obras corporais. Diante do homem semimorto, as suas primeiras necessidades eram corporais. E sobre isso, salienta Kasper (2015, p. 179):

a ajuda material é, sem dúvida, fundamental. Pois só se a vida e a sobrevivência física estiverem asseguradas é que será possível obviar também à pobreza cultural, social e espiritual; contudo, a misericórdia cristã não pode limitar-se a dar resposta às necessidades de índole física.

Jon Sobrino (1994, p. 8), defende a atenção especial ao caráter material que a misericórdia precisa oferecer. Ele tem a intenção de mostrar a grande necessidade de misericórdia diante dos pobres, que ele denomina de “povos crucificados”. Pois “a misericórdia significa ultimidade, humana e cristã, para os povos crucificados”. Assim, ele argumenta o ‘princípio da misericórdia’, no qual ele acredita ser o princípio fundamental da atuação de Deus, e por isso, deve ser o da Igreja. A partir de então, esta passa a ser a Igreja samaritana, o que ele corrobora com a presente pesquisa, uma vez que ele acredita ser fundamental.

é este ‘princípio misericórdia’ que deve atuar na Igreja de Jesus; e é o pathos da misericórdia que deve lhe dar forma e figura. Isto quer dizer que também a Igreja, enquanto Igreja, deve reler a parábola do bom samaritano com a mesma expectativa, com o mesmo temor e tremor com que escutaram os ouvintes de Jesus: o que é fundamental; em que tudo se decide. Muitas outras coisas a Igreja deverá ser e fazer; mas, como cristã e como humana, se não for, antes de mais nada, boa samaritana, todas as outras coisas serão irrelevantes e poderão até ser perigosas se se fizerem passar por seu princípio fundamental (Sobrino, 1994, pp. 38-39).

Na *Misericordiae Vultus* Francisco amplia a compreensão tratando como “mais pequeninhos” todos os que carecem de algo, seja material ou não, por exemplo, as crianças desprovidas do necessário, os aflitos, os que precisam do perdão. E afirma: “Em cada um destes ‘mais pequeninos’ está presente o próprio Cristo” (Francisco, 2015, p. 23). E ele traz uma perspectiva também da participação na Cruz de Jesus, porém de forma ampliada a todos os que se encontram em sofrimentos materiais, espirituais, emocionais, existenciais: “A sua carne torna-se de novo visível como corpo martirizado, chagado, flagelado, desnutrido, em fuga... a fim de ser reconhecido, tocado e assistido cuidadosamente por nós” (Francisco, 2015, p. 23). Assim, Francisco indica que não se trata apenas somente do desprovido de bens materiais, mas sim, daqueles que estão nas diversas circunstâncias de necessidade: material, espiritual, psicológica, familiar. Indicando que para esse o agir deve ser misericordioso, ou seja, assistindo, orientando, perdoando. Em síntese executando alguma obra de misericórdia.

As obras de misericórdia que devem ser realizadas são exatamente aquelas pelas quais as pessoas que se apresentam no caminho carecem. O caminho do samaritano foi interrompido pelo sofrimento do semimorto. Ele o viu. E o mover-se de compaixão deve de fato ser precedido do “ver”. Assim, esvaziados de si, enxergar o que de fato é necessário ser realizado. O que será misericórdia na vida deste próximo, é isso que vale. De nada adianta dar bom conselho e despedir o próximo com a dor da fome! De que vale matar a sede, se a alma continua sedenta de Deus, o que poderia ocorrer através da instrução diante da ignorância de Deus? Dessa maneira, entendemos que o “fazer misericórdia”, pode ir além das 7 obras de misericórdia espirituais e as 7 obras corporais. Nesse sentido, é bem-vinda a exortação de Paulo, quer sejam obras corporais ou espirituais: “Quem pratica a misericórdia, faça-o com alegria” (Rm 12, 8).

Para Kasper (2012, p. 17), “se não somos capazes de anunciar de uma forma nova a mensagem da misericórdia divina às pessoas que padecem de aflição corporal e espiritual, deveríamos calar-nos sobre Deus”. E Francisco sintetiza em uma expressão: *cultura da misericórdia*: “Somos chamados a fazer crescer uma *cultura de misericórdia*, com base na redescoberta do encontro com os outros: uma cultura na qual ninguém olhe para o outro com indiferença, nem vire a cara quando vê o sofrimento dos irmãos” (Francisco, 2016, p. 42).

O “fazer misericórdia” aqui defendido, é baseado nas ações do bom samaritano e apontado pelo Santo Padre de forma entusiasta, alegre e num tom que muito motiva a todos: “*As obras de misericórdia são ‘artesaniais’*: nenhuma delas é cópia da outra; as nossas mãos podem moldá-las de mil modos e, embora seja o único Deus que as inspira e única a ‘matéria’ de que são feitas, ou seja, a própria misericórdia, cada uma adquire uma forma distinta” (Francisco, 2016, p. 42). O pontífice, por ocasião do encerramento do Ano Santo da Misericórdia, no seu documental final³, retomou a temática, e deixou como que “tarefa de casa”, depois do Ano Santo vivido: continuar a atenção à prática das obras de misericórdia. Ele acrescenta: “Com efeito, as obras de misericórdia tocam a vida de uma pessoa. Por isso, temos possibilidade de criar uma verdadeira revolução cultural precisamente a partir da simplicidade de gestos que

³ A Carta Apostólica *Misericordia et Misere* o Papa Francisco a escreveu no termino do Jubileu Extraordinário da Misericórdia, ocorrido em 20 de Novembro de 2016.

podem alcançar o corpo e o espírito, isto é, a vida das pessoas” (Francisco, 2016, p. 42).

Francisco (2015, p. 15) deixa claro as duas faces da misericórdia - a de Deus para com o seu povo, e a do seu povo para com todos os que for preciso:

a misericórdia de Deus é a sua responsabilidade por nós. Ele sente-se responsável, isto é, deseja o nosso bem e quer ver-nos felizes, cheios de alegria e serenos. E, em sintonia com isto, se deve orientar o amor misericordioso dos cristãos. Tal como ele é misericordioso, assim somos chamados também nós a ser misericordiosos uns com os outros.

Müller (2018, p.63) por sua vez, refletindo a eclesiologia que Francisco propõe, tendo em vista a misericórdia divina e a humana, aponta que:

o agir misericordioso é carregado de compaixão, de um ‘colocar-se no lugar do outro’, que no entender do Papa é aquilo que Jesus sentia e desta forma agia. Ele entende que o agir humano na misericórdia não é completo quando não se deixa afetar pela realidade de sofrimento e exclusão de tantas pessoas.

Francisco (2015, p. 39) reconhece que na época atual cheia de desafios e contradições “a Igreja sente, fortemente, a urgência de anunciar a misericórdia de Deus”. E acrescenta algo muito sério e comprometedor, sobre a caminhada eclesial, afirmando que “é autêntica e credível, quando faz da misericórdia seu convicto anúncio”. Portanto, fica justificada a necessidade de optar pela misericórdia como estilo de vida.

4.2 NA *FRATELLI TUTTI*

A *Fratelli Tutti* – todos irmãos - é a terceira Encíclica do Pontífice que objetiva refletir a respeito da compaixão/misericórdia e a fraternidade entre toda a humanidade. Ao iniciar a carta, Francisco (2020, p. 10) é enfático ao dizer: “As páginas seguintes não pretendem resumir a doutrina sobre o amor fraterno, mas detêm-se na sua dimensão universal, na sua abertura a todos”. E por isso, ele não limita o alcance deste documento, antes, pretende ir além, alcançando a todos quantos for possível, pois trata-se de conteúdo que pode contribuir com todos: “Embora a tenha escrito a

partir das minhas convicções cristãs, que me animam e nutrem, procurei fazê-lo de tal maneira que a reflexão se abra ao diálogo com todas as pessoas de boa vontade” (Francisco, 2020, p. 10). Não é por acaso que após introduzir e contextualizar a realidade mundial perante o amor ao próximo, o papa recorre à parábola do bom samaritano, apresentando uma luz diante das realidades, pois ele está muito lúcido do que almeja: “desejo ardentemente que, neste tempo que nos cabe viver, reconhecendo a dignidade de cada pessoa humana, possamos fazer renascer, entre todos, um anseio mundial de fraternidade”. (Francisco, 2020, p. 11).

Santos e Marcolino (2021, p. 158) compreendem que “O Santo Padre confia na presença divina em meio a tantos desafios e cita o personagem do bom samaritano do evangelho (Lc 10, 25-37) como modelo de interpelação para qualquer pessoa, independentemente de suas crenças e convicções religiosas”. Com o intuito de alcançar tantos em tantas crenças, as que se unam num desejo comum pela fraternidade e amizade social, Francisco (2023, p. 23) usa uma linguagem acessível a todos, do ponto de vista doutrinário. Não somente na linguagem, ele procura se tornar próximo, mas também na conduta, é o que observa Marcolino:

o próprio Deus é ternura e misericórdia e, dessa maneira, as atitudes não tanto comuns a um Papa, revelam o método e o ser de Francisco: ele toca sem medo as pessoas, faz refeição com os mais pobres, batiza o filho da mãe solteira e de um casal irregular, acolhe no Vaticano os imigrantes e refugiados. As atitudes de Francisco revelam novos contornos de uma linguagem que se configura com o ser e o agir de Jesus de Nazaré.

Neste capítulo, ele recorre ao Evangelho de Lucas 10, justamente na parábola do bom samaritano, que inclusive motivou a presente dissertação. Marcolino (2023, p. 18) expressa o quanto Francisco conseguiu extrair da parábola, gerando um mundo com um horizonte de possibilidades, sobretudo na conduta de uma pessoa para com a outra:

a misericórdia torna-se um fenômeno a ser experimentado pelo ser humano que crê. Para isto, o Papa Francisco utiliza-se de uma hermenêutica narrativa da misericórdia na parábola do Bom Samaritano, como enfatiza Paul Ricoeur, onde o texto precisará falar por si, ‘deixando o texto ser ele mesmo’ e, dessa maneira, um ‘mundo’ se desdobra, dentro de um horizonte de possibilidades, gerando assim um sentido na obra.

Extraíndo contribuições bem concretas acerca da vivência da misericórdia como um programa de vida, olha-se para o cenário atual e a constatação é que nunca

houve tantas pessoas em contatos, de várias nacionalidades, como atualmente por meio das famosas redes sociais acontece. Não obstante, nunca houve também tanta superficialidade e insensibilidade nas relações interindividuais. O Santo Padre expõe o aparente crescimento em muitos aspectos, mas de forma direta ele diz que:

somos analfabetos em acompanhar, cuidar e sustentar os mais frágeis e vulneráveis das nossas sociedades desenvolvidas. Habituar-mo-nos a olhar para o outro lado, a passar à margem, a ignorar as situações, até elas nos caírem diretamente em cima” (Francisco, 2020, p. 51).

A mesma percepção vimos na análise das condutas de dois personagens da parábola do bom samaritano, ou seja, o sacerdote e o levita. Porém, Francisco propõe que não se caia nessa pobreza de procedimento e sugere o bom samaritano como modelo:

é melhor não cair nessa miséria. Olhemos para o modelo do bom samaritano. É um texto que nos convida a fazer ressurgir nossa vocação de cidadãos do próprio país e do mundo inteiro, construtores de um novo vínculo social. Embora esteja inscrito como lei fundamental do nosso ser, é um apelo sempre novo: que a sociedade se oriente para a busca do bem comum e, a partir desse objetivo, reconstrua incessantemente a sua ordem política e social, o tecido das suas relações, o seu projeto humano. Com os seus gestos, o bom samaritano fez ver que a existência de cada um de nós está ligada à dos outros: a vida não é tempo que passa, mas tempo de encontro (Francisco, 2020, p. 52).

Analisamos acima como o viver a misericórdia é devedora do verbo “fazer” a partir das ações de misericórdia do bom samaritano e que, por isso, devemos considerá-la como constituinte da vivência cristã. E Francisco (2020, pp. 52 - 53), analisando a parábola, a coloca como de fundamental importância para a atualidade e, inclusive, apresenta a conduta do bom samaritano como única opção possível ao cristão:

essa parábola é um ícone iluminador, capaz de manifestar opção fundamental que precisamos fazer para reconstruir nosso mundo ferido. Diante de tanta dor, à vista de tantas feridas, a única via de saída é ser como o bom samaritano. Qualquer outra opção nos deixa ou com os salteadores ou com os que passam ao largo, sem compadecer com o sofrimento do ferido na estrada.

Na verdade, a parábola não traz algo totalmente inédito, “mas revela-nos uma característica essencial do ser humano, frequentemente esquecida: fomos criados para a plenitude, que só se alcança no amor” (Francisco, 2020, p. 53). Então, toda

forma de desamor não condiz com o sentido último da existência do cristão e nem de ninguém. A indiferença, o egoísmo, o ódio, a falta de perdão, o não sentir nas entranhas a dor do outro, os famosos “bloqueio” e “cancelamento” digital da sociedade atual, o passar ao largo da pessoa caída, não se deixando interromper pela dor do outro, estão inadequadas com a conduta cristã e não fazem bem a ninguém. “Viver indiferentes à dor não é uma opção possível; não podemos deixar ninguém caído ‘nas margens da vida’. Isso deve indignar-nos de tal maneira que nos faça descer da nossa serenidade, alterando-nos com o sofrimento humano. Isso é dignidade” (Francisco, 2020, p. 53). Bem ressalta Santos e Marcolino (2021, p. 161) afirmando: “a dignidade humana traz a consciência de que todos estão dentro de um único plano divino: a salvação. Não é possível compreender a salvação desejada por Deus, se ainda há pessoas em situação de sofrimento e de vulnerabilidade humana”.

Uma definição muito pertinente que Sinner traz sobre a confiança refere-se ao fato de que a confiança é uma atitude que se mostra na própria ação. Assim, pode-se identificá-la a partir da sua atuação. Com o intuito de defini-la a partir de exemplos, Sinner explica que apostar, fazer um investimento prévio, estar relacionada a uma ética maior, ser uma dádiva e por fim não ser ingênua, mas ela procura ser informada, são elementos que compõem a confiança. Ele ainda, assim afirma:

sugiro definir confiança como uma expectativa em relação ao comportamento do outro que espero estar em meu ou em nosso interesse. A diferença decisiva está no grau de certeza que posso ter em que minha confiança não será decepcionada, ou seja, que o comportamento do outro vai efetivamente ser em meu ou nosso benefício e não nos prejudicar (Sinner, 2015, p. 14).

Portanto, ao analisar os personagens da parábola e a amizade social e a fraternidade universal propostas na *Fratelli Tutti*, em comparação com a abordagem de Sinner, sobre a confiança e convivência, percebe-se que vários aspectos que se entrelaçam.

O personagem principal da parábola, o bom samaritano, em suas ações diante do homem desconhecido, não samaritano e semimorto, encontrado à beira do caminho, tem ações que expressam a confiança, oriundas de sua conduta. É possível afirmar que o bom samaritano pode ser um exemplo de alguém que soube exercer sua cidadania e, ao mesmo tempo, promover a do outro, isso é a fraternidade universal que Francisco propõe. Eis um exemplo que Lucas usou para fazer os destinatários de

seu texto entenderem a necessidade de dar esmola e viver em comunhão. Atualmente em seus discursos, mensagens, condutas e encíclicas, especificamente a *Fratteli Tutti*, o papa Francisco tem dedicado o seu Pontificado para explicar a centralidade da misericórdia na vida cristã, incentivando o exercício da cidadania baseado na “cultura de misericórdia”.

Meneses (2020) ao trazer sua análise sobre a parábola do bom samaritano - que ele denomina como “parábola do desvalido do caminho”, priorizando-o e, portanto, inserindo-o como o protagonista da história, colabora com o presente estudo afirmando que “o Samaritano viveu um tempo eônico antes do seu tempo, ao ritmo do Desvalido do Caminho, dado que este tem prioridade sobre mim (Samaritano bom). Perante o Desvalido, o Samaritano marca o ritmo de alteridade, onde se encontra, pela misericórdia, no dar prioridade ao Outro” (Meneses, 2020, p. 86). O fato de dar prioridade ao outro está no cerne da cristologia, sobretudo, no seu ápice: paixão e morte de Cristo para a salvação da humanidade, recordando que Jesus Cristo já foi visto como sendo o bom samaritano da parábola. Sem entrar em questões da vivência religiosa dos samaritanos na época em que Lucas constrói seu texto, somos de acordo que o fazer misericórdia do samaritano, expressa a vida terrestre de Jesus, que foi marcada por revelar o rosto misericordioso do Pai em seus gestos e palavras. O que só valida ainda mais o nosso argumento de que o cristão precisa ser aquele que faz misericórdia.

Diante de Francisco, o ser misericordioso não é algo a ser desbravado, buscado em outros caminhos, mas no caminho da vida de cada um, uma vez que as necessidades de ações em favor dos outros sejam realizadas, se apresentam na nossa vida todos os dias. A questão não é buscar, mas não correr quando as encontrar. Seguir o caminho cristão vestido e revestido de misericórdia, ou seja, tê-la como estilo:

dia a dia, enfrentamos a opção de sermos bons samaritanos ou caminhantes indiferentes, que passam ao largo. Se estendemos o olhar à totalidade da nossa história e ao mundo no seu conjunto, reconheceremos que todos somos, ou fomos, como essas personagens: todos temos algo do ferido, do salteador, daqueles que passam ao largo e do bom samaritano (Francisco, 2020, p. 54).

E Francisco (2020, p. 54) analisando a conduta dos personagens da parábola do bom samaritano, verifica que, na verdade, não há distinção entre procedência da

Samaria ou da Judéia, uma função exercida ou outra. Para ele, na verdade, a parábola apresenta dois tipos de pessoas: “aquelas que cuidam do sofrimento e aquelas que passam ao largo; aquelas que se debruçam sobre o caído e o reconhecem necessitado de ajuda e aquelas que olham distraídas e aceleram o passo”. Sendo assim, esta parábola torna evidente a indiferença social diante de tantos tipos de sofrimentos, que vitimiza os irmãos, deixando-os à margem. Mas, ao mesmo tempo, a parábola propõe alternativas, uma vez que: “Jesus não se detém nisso. Confia na melhor parte do espírito humano e, com a parábola, anima-o a aderir ao amor, a reintegrar o ferido e a construir uma sociedade digna de tal nome” (Francisco, 2020, p. 55). Para Santos e Marcolino (2021, p. 159):

Francisco nos convoca a todos para uma postura de protagonismo diante de tantas agressões à dignidade humana, incentivando para que assumamos nossa parcela de responsabilidade em relação aos sofredores deste nosso tempo, sem esperar que outros façam em nosso lugar aquilo que é tarefa nossa, de cristãos batizados e configurados a Jesus Cristo.

Antes, como Jesus o faz na parábola, também o Papa enfoca no bem e motiva a Igreja a fazer o mesmo, uma vez que sempre existem inúmeros ocasiões de fazer o bem a alguém necessitado, tomando com suas as dores dos outros, no lugar de fomentar qualquer outro sentimento ruim. Dessa forma, Francisco (2020, p. 59) demonstra ser acessível e possível, e que é preciso alimentar o bem e colocar-se a serviço dos mais vulneráveis:

como o caminhante ocasional da nossa história, é preciso apenas o desejo gratuito, puro e simples de ser povo, de ser constantes e incansáveis no compromisso de incluir, integrar, levantar quem está caído; embora muitas vezes nos vejamos imersos e condenados a repetir a lógica dos violentos, daqueles que nutrem ambições só para si mesmos, espalhando confusão e mentira.

Portanto, ser o samaritano da parábola, na visão de Francisco, é um chamado para cada pessoa. Dessa forma, recordando o sacerdote e o levita da parábola em análise, a afirmação é que em nome de uma função e/ou prática religiosa, justificar a falta de afeto e de misericórdia, não é condizente com a Igreja samaritana que Francisco propõe, uma vez que: “todos temos uma responsabilidade pelo ferido que é o nosso povo e todos os povos da terra. Cuidemos da fragilidade de cada homem, cada mulher, cada criança e cada idoso, com a mesma atitude solidária e solícita, a

mesma atitude de proximidade do bom samaritano” (Francisco, 2020, p. 60). E reafirma que, a proposta é ser próximos de quem precisa, como um samaritano se aproximou de um judeu, portanto, independentemente de ser do círculo de pertença ou não. “Por outras palavras, desafia-nos a deixar de lado toda a diferença e, na presença do sofrimento, fazer-nos próximos a quem quer que seja” (Francisco, 2020, p. 61). Ainda que no Pentateuco apareça por 54 vezes a palavra “próximo” e em toda a Sagrada Escritura, conforme informa Grenzer e Santos (2019, p. 350), encontramos 141 ocorrências da palavra, acreditamos que o sentido teológico que Lucas inseriu no diálogo entre Jesus Cristo e o legista, seja inédito. Com base na compreensão do papa Francisco e nos argumentos que se fizeram presentes no decorrer desta análise de Lc 10, 25-37, “assim, já não digo que tenho ‘próimos’ a quem devo ajudar, mas que me sinto chamado a tornar-me, eu, um próximo dos outros”. (Francisco, 2020, p. 61). Corroboram com a constatação, Grenzer e Santos (2019, p. 363), concluindo que as mais de cinquenta ocorrências da palavra “próximo” no Pentateuco, focado em Lv 19,18c, significa aquele que: “deve ser amado”. Diante da parábola do bom samaritano, argumentamos que o próximo é aquele que ama, faz misericórdia.

Mariani (2020, p. 851) evidencia duas expressões marcantes de Francisco e que bem se enquadram na reflexão sobre quem seja o próximo. As expressões “fraternidade universal” e a “amizade social” supõem ir além do individualismo e encontrar-se com o outro reconhecendo sua dignidade de forma incondicional”. Mais ainda:

é preciso vencer a tentação da indiferença, aconselha Francisco. A esperança requer o cultivo de uma forma de amar que ultrapasse o amor aos que já nos são próximos porque pertencem a nosso círculo familiar ou de amizade. A verdadeira transformação desse mundo supõe uma abertura mais ampla à alteridade, um ‘amor universal’ (Mariani, 2020, p. 850)

Dessa maneira, se tornar próximo de quem precisa independe de qualquer condição, significa estar abertos ao amor universal; a única condição necessária é o sofrimento daquele que precisa. Porque o encontro do bom samaritano ajudando um judeu nos ensina que o diferente deve ser amado, e conforme diz Francisco, esse relato desafia a todos: “a ampliar nosso círculo, a dar à nossa capacidade de amar uma dimensão universal, capaz de ultrapassar todos os preconceitos, todas as barreiras históricas ou culturais, todos os interesses mesquinhos” (Francisco, 2020, p.

62). E sobre isso, observa Mariani (2020, p. 850): “A parábola do bom samaritano, lembra o papa Francisco, é uma narrativa que nos inspira a cultivar o amor universal. Ela ensina que não importa indagar quem é o próximo, mas, sim, estar perto daquele que necessita de cuidado, ultrapassando os preconceitos”.

Na atualidade, percebe-se a grande quantidade de pessoas quase sem vida, diante de uma sociedade excludente que, por vezes, refletem condutas de pessoas crentes e tementes a Deus. “Por isso, a grande provocação apresentada a partir da parábola em relação às nossas atitudes é o encontro com o diferente, pois encontram-se no texto bíblico um samaritano e um judeu” (Santos e Marcolino, 2021, p. 160).

Afirmamos, portanto que para o cristão é necessário atualizar na conduta a vivência do amor, manifesta pelo olhar atento e sentimento concreto de compaixão, expressado por atos de misericórdia a pessoas que precisam de alguma ajuda, para além do círculo de relações, portanto, a pessoas também diferentes. Corroboram Santos e Marcolino (2021, p. 160), parafraseando Francisco: “A cultura do encontro faz-nos descobrir que o “amor deve estar aberto a todos”. Os cristãos têm a fonte e o modelo para isso: “Se formos à fonte suprema, que é a vida íntima de Deus, encontramos-nos com uma comunidade de três Pessoas, origem e modelo perfeito de toda a vida em comum” (Francisco, 2020, p. 64). Kasper (2015, p. 120) diante de seu empreendimento da compreensão da misericórdia, baseado em 1 Jo 4, 8.16, na afirmativa de que ‘Deus é amor’, diz que a misericórdia é como que espelho da Trindade:

o caráter trinitário de Deus é o pressuposto intrínseco da misericórdia divina, da mesma forma que, por outro lado, a sua misericórdia é revelação e espelho da sua essência. Na misericórdia de Deus reflete-se e revela-se o amor eterno do Pai, do Filho e do Espírito Santo, um amor que se comunica a si mesmo.

Diante do exposto, retomamos o apelo de Francisco (2020, p. 61) a abandonar a indiferença diante do sofrimento alheio e se tornar um próximo que ama:

por outras palavras, desafia-nos a deixar de lado toda a diferença e, na presença do sofrimento, fazer-nos próximos a quem quer que seja. Assim, já não digo que tenho ‘próximos’ a quem devo ajudar, mas que me sinto chamado a tornar-me, eu, um próximo dos outros.

Recordando que as ações do samaritano, que, no nosso entendimento caracterizam o “fazer misericórdia”, são as ações que Jesus contou para ensinar o que deveria ser feito para herdar a vida eterna, em resposta à pergunta do legista. E sobre isso, destaca Perondi (2016, p. 192), não só em relação as ações, mas ampliando a contribuição entre o vínculo existente entre o diálogo e a parábola contada na sequência:

ao mesmo tempo, a história do bom samaritano, que à primeira vista parece um apêndice para explicar a questão da vida eterna, ganha sua própria importância, ao ser uma narração dentro de um discurso com um tema diferente, que complementa a interpretação da Torá discutida no versículo semelhante, mas mantém sua função e importância próprias.

Fazer misericórdia, a partir dos movimentos das entranhas é o caminho para viver eternamente. O Salmista afirma que a misericórdia é eterna (Sl 50). Assim, viver fazendo atos de misericórdia tendo em vista a vida eterna, já pode ser um início dessa eternidade. O fazer misericórdia dentro de uma *cultura de misericórdia* não é fruto de esforço humano, e sim, passa pela decisão individual: vontade, consciência e liberdade. No entanto, se faz e se frutifica pela ação do Espírito Santo em cada batizado decidido pela cultura da misericórdia, porque toda a força para agir com misericórdia provém do Espírito Santo: “forma-se na oração assídua, na abertura dócil à ação do Espírito, na familiaridade com a vida dos Santos e na solidariedade concreta para com os pobres” (Francisco, 2016, p. 43). Até porque, não convém que o receptor de uma ação misericordiosa bendiga ao emissor desta ação, mas a Deus que é a fonte de toda a misericórdia humana. A relação humana perpassada pela misericórdia, apenas deve fazer crescer o amor a Deus e às pessoas. O ponto de mudança na parábola foi o momento em que o bom samaritano viu, e cheio de compaixão se decidiu a fazer obras de misericórdia ao homem caído. Da mesma forma, cada pessoa pode continuar e diariamente se decidir por fazer misericórdia. Este imperativo não é somente extraído das ações do bom samaritano, mas sobretudo no mandato de Cristo ao legista no final da perícopa: “Vai, e também tu, faze o mesmo” (Lc 10, 37b).

A misericórdia é fundamental na Bíblia pois indica o agir de Deus: “para o cristão permanece o firme fundamento: Jesus Cristo, como manifestação da presença misericordiosa de Deus, revelado desde o Primeiro Testamento e plenamente no Segundo” (Sdardella e Peretti, 2018, p. 560). De forma plena no Novo Testamento porque, conforme afirma Kasper (2015, p. 21): “Jesus Cristo é a misericórdia divina

em pessoa: encontrar Cristo significa encontrar a misericórdia de Deus”. Francisco reconhece essa importância na vida eclesial nas dimensões: espiritual, pastoral, moral, social e na reflexão teológica. A partir da perícopia pesquisada, fazemos uma reflexão teológica à luz da eclesiologia que o Papa Francisco propõe desde o início de seu pontificado. No seu discurso inicial proferido em 17 de março de 2013, no Ângelus, Francisco recorre ao teólogo Kasper, para elucidar a cultura de misericórdia que seu Pontificado almeja:

o Cardeal Kasper dizia que a melhor sensação que podemos ter é sentir misericórdia: esta palavra muda tudo, muda o mundo. Um pouco de misericórdia torna o mundo menos frio e mais justo. Precisamos de compreender bem esta misericórdia de Deus, este Pai misericordioso que tem tanta paciência. (Francisco, 2013)

Se a misericórdia muda tudo, muda o mundo - e muda mesmo, conforme visto na vida do homem semimorto, acolhido pelo samaritano, e por tantas experiências particulares que cada um já pôde fazer, é perceptível que ela ainda é muito necessária em tantas vidas e no mundo. Ao mesmo tempo que, percebe-se que a misericórdia ainda está esquecida por muitos, sublinha-se também a importância que a mensagem e o apelo de misericórdia do atual Pontífice representa para o mundo nesses últimos dez anos de seu pontificado, e de forma particular na sua Encíclica *Fratelli Tutti*. E sobre isso, Marcolino (2023, p. 22) propõe:

todos os sistemas simbólicos têm um alcance denotativo na medida em que eles ‘fazem’, ‘desfazem’ e ‘refazem’ a realidade. Devemos nos perguntar: como o Papa Francisco reorganiza ‘nossas atitudes cristãs’ a partir da parábola do Bom Samaritano? A parábola na sua função de metáfora ‘constitui um modelo para mudar a nossa maneira de ver as coisas, de perceber o mundo’.

A proposta de Francisco com o exemplo do samaritano é de conversão. Reorganizar as atitudes cristãs pautando-as na misericórdia significa assumi-la como estilo de vida. Na Encíclica, sobretudo no segundo capítulo, aqui estudado, há uma proposta de repensar como cada um se relaciona com a humanidade, sobretudo com aqueles que se encontram ao lado, e com alguma necessidade, ampliando-se para uma visão global, cuja amizade social seja almejada e a fraternidade universal seja alcançada.

Conforme Paulo se expressou: “entretanto, qualquer que seja o ponto a que chegamos, conservemos o rumo” (Fl 3, 16), o Pontífice contemplando o exemplo do

bom samaritano, antes de propor ações, sugere a recomeçar sempre imbuídos da escolha por amar a todos e se tornar próximos. “Quando o coração assume essa atitude, é capaz de se identificar com o outro sem se importar com o lugar em que nasceu nem de onde vem” (Francisco, 2020, p. 63).

A abertura ao outro reflete a compreensão e a adesão ao reconhecimento de que no outro está o próprio Jesus: “Para os cristãos, as palavras de Jesus têm ainda outra dimensão, transcendente. Implicam reconhecer o próprio Cristo em cada irmão abandonado ou excluído (Mt 25, 40.45)”. (Francisco, 2020, p. 63). Outra razão que Francisco apresenta é que Jesus morreu por todos, sem excluir ninguém, de forma que, não há quem fique fora do seu amor. Santos e Marcolino (2021, p. 164), veem essa proposta com a completude que ela contém, a compreensão de que em Deus, todos pertencem à mesma família:

uma proposta de autêntica educação integral, segundo as inspirações de Francisco, é aquela que forma o sujeito para a relação e o encontro, a escuta e a partilha, mediante uma abertura de vida, de consciência, de mentalidade e, principalmente, das mãos, para o serviço e o socorro, o amparo e o afago, se de fato, formos capazes de compreender sua feliz provocação, de que Somos Todos Irmãos!

Ninguém pode se esconder em justificativas diante da proposta de viver a misericórdia que se recebe de Deus, na conduta com o outro, porque o Papa da misericórdia, não tem deixado de conclamar o povo de Deus a isso; e porque como ele mesmo lembra: “hoje, com o desenvolvimento da espiritualidade e da teologia, não temos desculpa” (Francisco, 2020, p. 64). Está claro para Santos e Marcolino (2021, p. 159) que:

Francisco nos convoca a todos para uma postura de protagonismo diante de tantas agressões à dignidade humana, incentivando para que assumamos nossa parcela de responsabilidade em relação aos sofredores deste nosso tempo, sem esperar que outros façam em nosso lugar aquilo que é tarefa nossa, de cristãos batizados e configurados a Jesus Cristo.

No entanto, muitos cristãos ainda se fecham em seus pequenos grupos, sua “rede de contatos”, ficando incapazes de lançar um olhar mais amplo, pois param em preconceitos ou porque reduziu o número de pessoas a serem olhadas como irmãos, àqueles que são do mesmo grupo eclesial, mesmos valores e crenças, mesma cidade ou com a mesma mentalidade. Aponta o Pontífice: “todavia, ainda há aqueles que

parecem sentir-se encorajados ou pelo menos autorizados por sua fé a defender várias formas de nacionalismo fechado e violento, atitudes xenófobas, desprezo e até maus-tratos àqueles que são diferentes” (Francisco, 2020, p. 64).

Para aqueles que compreendem a misericórdia como estilo de vida, e por isso, progressivamente se colocam abertos a fraternidade universal, o Papa sugere que devam reagir contrariamente a essas tendências. A vivência da misericórdia é para cristãos convictos e decididos por abraçar a fé. Diz Francisco (2020, p. 64): “a fé, com o humanismo que inspira, deve manter vivo um senso crítico perante essas tendências e ajudar a reagir rapidamente quando começam a insinuar-se”. O Papa acredita que a formação do povo de Deus, realizada por meio da catequese e da pregação que tratem “de forma mais direta e clara, o sentido social da existência, a dimensão fraterna da espiritualidade, a convicção sobre a dignidade inalienável de cada pessoa e as motivações para amar e acolher a todos” (Francisco, 2020, p. 64) possam contribuir para implantar a cultura de misericórdia tão necessária no mundo atual. Com certeza este assunto carece de propagação, atualização e auxílios para que o povo de Deus vá aos poucos assumindo e aderindo este estilo de vida: compaixão e misericórdia a todos. Foi neste intuito de contribuir com a cultura de misericórdia implantada pelo Papa Francisco que a presente pesquisa foi realizada. Até porque, na perícopia do bom samaritano aprendemos que para alcançar a vida eterna, está em jogo as obras de misericórdia praticadas ou não. Em síntese, se foi pessoa misericordiosa ou não.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A mensagem de misericórdia do papa Francisco objetiva que a Igreja seja, uma “Igreja samaritana”. Trata-se de um desejo que pode se materializar a partir das ações de misericórdia de cada cristão ao se decidir viver a misericórdia como estilo de vida.

A perícopes de Lucas 10, 25-37 que foi analisada nesta pesquisa, provou que existe essa possibilidade através da conduta do bom samaritano, onde as suas ações demonstram que é possível e é preciso que haja cristãos que sentem compaixão e ajam com misericórdia diante daqueles semimortos encontrados nos caminhos da vida. E ficou claro que, ter a misericórdia manifestada em ações é fruto de decisão pessoal. Porém, as possibilidades de ser misericordiosos são oriundas do próprio Deus.

A graça santificante ou de justificação dá ao batizado a condição de amar a Deus e pela força e ação do Espírito Santo, amar ao próximo, fazer misericórdia a exemplo da parábola do bom samaritano contado por Cristo e das suas ações mesmo. Assim, torna-se possível obedecer ao mandato de Jesus, dado no desfecho do diálogo com o legista, quando Ele diz: “Vai, e também tu, faze o mesmo”. (Lc 10, 37). A Sagrada Escritura testemunha que a misericórdia é o atributo máximo de Deus na história da Salvação e no hoje de nossa história: “Todavia, segundo o testemunho de toda a Escritura, tanto o Antigo como do Novo Testamento, a misericórdia é o atributo de Deus que ocupa o primeiro lugar na autorevelação de Deus na história da Salvação” (Kasper, 2012, p. 114). Por isso, que ao “fazer o mesmo” (Lc 10, 37), ou seja, ao fazer misericórdia, o cristão está de fato imitando a Deus, porque o ser misericordioso é inerente a Ele.

O papa Francisco em todo o seu pontificado tem procurado aplicar essa parábola, e mais, ele deseja que toda a Igreja seja samaritana, a exemplo do bom samaritano, ou seja, uma Igreja com cristãos que entenderam que a misericórdia constituiu a vida cristã, portanto, sentem nas entranhas a dor do outro e deixam-se interromper pelo sofrimento alheio, agindo sempre e com todos, com misericórdia. Francisco deixa claro que a misericórdia é seu estilo de vida e de Pontificado: nos documentos, nas atitudes, nas viagens missionárias, quebrando tabus, por exemplo com o documento *Fiducia Supplicans*, que trata sobre o sentido pastoral das bênçãos, rezando o lava-pés no presídio, e inúmeras outras ações, afinal são dez anos à frente da Igreja de Cristo, e essa Igreja, sobretudo nos tempos atuais,

Francisco quer que seja samaritana, através da vivência da cultura da misericórdia. Em última análise, cristãos que vivem o mandamento do amor a Deus e ao próximo. Ele insiste: “Por isso, estejamos certos de que a superação da globalização da indiferença só será possível se nos dispusermos a imitar o Bom Samaritano (cf. Lc 10,25-37) ” (Francisco, 2020).

Essa análise permite afirmar que, a prática das obras de misericórdia espirituais e corporais são maneiras de viver aplicando no dia a dia, nas diversas circunstâncias e com todas as pessoas, especialmente as que se encontram em situações mais vulneráveis, a cultura de misericórdia.

A exemplo do samaritano da parábola e de todo empenho e motivação do atual Pontífice, observa-se que, ter a misericórdia como estilo de vida, o que é fundamental na vida cristã, acontece por meio de ações muito concretas. De forma concreta a pesquisa incita a disposição interior e prontidão para executar três verbos: ver, sentir compaixão e agir. Agir em favor de alguém necessitado trata-se de “fazer misericórdia”. Não é possível ser cristão sem ser misericordioso. Pois ser misericordioso significa trilhar os mesmos passos de Cristo.

Espera-se que com esta pesquisa, seja ecoado isso: não é possível ser cristão e não ser misericordioso, e não se deixar interromper nos caminhos da vida, pelo sofrimento dos outros encontrados nos caminhos da vida.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAILEY, Kenneth E. **Las parábolas de Lucas**. Um acercamiento literário através de la mirada de los campesinos de Oriente Medio. vol. 4. São Paulo: Editorial Vida, 2009.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2011.

BOVON, F. **El Evangelio según San Lucas**. (Biblioteca de Estudios Bíblicos 85, 86, 87, 132). Salamanca: Sígueme, 2005-2010. 4 v.

BOVON, François. **El Evangelio según San Lucas**. (Biblioteca de Estudios Bíblicos 86). Salamanca: Sígueme, 2002. 2 v.

BOVON, François. Evangelho de Lucas e Atos dos Apóstolos. In: **Evangelhos Sinóticos e Atos dos Apóstolos**. São Paulo: Paulinas, 1986, p. 203-279

BROWN, Colin. COENEN, Lothar. **Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento**. Tradução de Gordon Chown. 2ª ed. São Paulo: Vida Nova, 2000.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. Edição Típica Vaticana. São Paulo: Loyola, 2000.

CAMARGO, Carlos. A parábola do bom samaritano, a parábola-chave para a compreensão do mandamento do amor ao próximo (Lc 10,25-37). **Revista Reveleiteo**, n. 14. 2014. ISSN 2177-952X. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/reveleiteo/article/view/21554>>. Acesso em: 30 jul. 2023.

CATENASSI, F. Z.; PERONDI, I. Bíblia e ciências da linguagem: recursos literários e cenas-tipo no Evangelho de Lucas. **Teoliterária**. São Paulo, v. 9, n. 17, 2019, p338-358. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/teoliteraria/article/view/39397/28507>>. Acesso em: 30 jul. 2023.

CIPOLLINI, Pedro Carlos. **O bom samaritano: paradigma da misericórdia** (Lc 10,30-37). Vol. 10. 1ª Ed. Brasília: CNBB, 2016.

COSTA, Valeriano Santos. **O amor de Deus**. Teologia da Redenção. São Paulo: Palavra e Prece, 2012.

FITZMYER, J. A. **El Evangelio según Lucas**. Madrid: Cristiandad, 1981-1986. 3 v.

FITZMYER, J. A. **El Evangelio según Lucas**. Madrid: Cristiandad, 1981-1986. 4 v.

FRANCISCO, PP. **Carta Encíclica Fratelli Tutti**: sobre a fraternidade e a amizade social. São Paulo: Paulinas, 2021.

FRANCISCO, PP. **Ângelus**. Domingo, 17 de Março de 2013. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/angelus/2013/documents/papa-francesco_angelus_20130317.html> . Acesso em: 10 mai. 2023.

FRANCISCO, PP. **Misericordiae Vultus**. Bula de Proclamação do Jubileu Extraordinário da Misericórdia. São Paulo: Paulus. 2016.

FRANCISCO, PP. **O nome de Deus é Misericórdia**. Uma conversa com Andrea Tornielli. Trad. Catarina Mourão. São Paulo: Planeta, 2016.

GONZAGA, Waldecir. **A construção da fraternidade e da amizade social à luz da teologia bíblica da Fratelli Tutti**. *Perspect. Teol.*, Belo Horizonte, v. 54, n. 1, p. 227-249, Jan./Abr. 2022. Disponível em: <<https://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/perspectiva/article/view/4986>>. Acesso em: 10 set. 2023.

GOURGES, M.; CHARPENTIER, E. Introdução aos evangelhos. In: AUNEAU, J.; BOVON, F.; GOURGES, M.; CHARPENTIER, E.; RADERMARKERS, J. **Evangelhos sinóticos e Atos dos apóstolos**. São Paulo: Paulinas, 1985. p. 9-56.

GOURGUES, Michel; CHARPENTIER, Etienne. Introdução aos Evangelhos. In: **Evangelhos Sinóticos e Atos dos Apóstolos**. São Paulo: Paulinas, 1986, p. 11-51

GRENZER, Matthias; SANTOS, Maria Cristiane. Quem é o “próximo”? À procura da personagem presente na formulação jurídica em Lv 19,18c. **Revista de Cultura Teológica**, n. 93, 2019. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/culturateo/article/view/rct.i93.42663>>. Acesso em: 10 set. 2023. DOI: <https://doi.org/10.23925/rct.i93.42663>

HENDRIKSEN, William. **Comentário do Novo testamento**. Lucas. Vol.1. Tradução de Valter Graciano Martins. São Paulo: Cultura Cristã, 2003. Disponível em: <<https://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/8459>>. Acesso em: 19 nov. 2023.

JEREMIAS, Joaquim. **As parábolas de Jesus**. São Paulo: Paulus, 1986.

JOÃO PAULO II. **Carta Encíclica Dives in Misericordia**. São Paulo: Paulinas. 11ª Edição, 2011

KASPER, Walter. **A misericórdia**. Condição fundamental do Evangelho e chave da vida cristã. Tradução: Beatriz Luiz Gomes. 2ªed. São Paulo: Loyola, 2015.

KARRIS, R. J. O Evangelho Segundo Lucas. In: BROWN, R.; FITZMYER, J. A.; MURPHY, R. E. (Orgs.). **Novo Comentário Bíblico São Jerônimo**. Novo Testamento e Artigos Sistemáticos. São Paulo: Academia Cristã / Paulus, 2011.

KOWALSKA, Santa Maria Faustina. Diário de Santa Faustina Kowalska. Tradução: Prof. Mariano Kawka. 41ed. Curitiba: Editora Apostolado da Divina Misericórdia, 2015

KUNZ, Claiton André. Reflexões sobre a parábola do bom samaritano. **Revista Teológica**, n. 10, jan. 2016. ISSN 2674-7898. Disponível em: <<http://ead.teologica.net/revista/index.php/teologicaonline/article/view/6>>. Acesso em: 30 jul. 2023.

LACOSTE, Jean Yves. **Dicionário Crítico de Teologia**. Tradução: Paulo Meneses (et al J). São Paulo: Loyola, 2004.

MACKENZIE, John L. **Dicionário Bíblico**. 8ª ed. São Paulo: Paulus, 2003.

MARCOLINO, Reginaldo. A vida em busca de um narrador: o pontificado de Francisco e a hermenêutica narrativa da misericórdia, uma releitura da parábola do bom samaritano na encíclica *Fratelli Tutti*. **Revista Contemplação**, [S. l.], v. 30, n. 30, 2023. Disponível em: <<https://revista.fajopa.com/index.php/contemplacao/article/view/366>>. Acesso em 30 jul. 2023.

MARIANI, Ceci Maria C. B. Viver a esperança: uma reflexão sobre espiritualidade e mística em vista da manutenção da esperança a partir da *Fratelli tutti*. **HORIZONTE – Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião**, v. 18, n. 56, p. 847, 2020. Disponível em: <<https://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/24887>>. Acesso em 30 jul. 2023.

MARTÍN-MORENO, Juan Manuel. Curso: A arte de narrar em Lucas. Disponível em: <<https://www.mercaba.org/JM/Cursos/lucas/Lucas.htm>> Acesso em: 10 jul. 2023.

MASCILONGO, Paolo; LANDI, Antônio. **Evangelhos sinóticos e Atos dos Apóstolos**. Tradução de Francisco Morás. Petrópolis: Vozes, 2022.

MENESES, Ramiro Délio Borges de. Na parábola do Desvalido no Caminho (Lc 10, 25–37): a responsabilidade plesiológica”. *Humanum. Międzynarodowe Studia Społeczno-Humanistyczne*, nr 3(38), Instytut Studiów Międzynarodowych i Edukacji . **Humanum**, 2020, s. 79–92. Disponível em: <<https://bibliotekanauki.pl/articles/2051058.pdf>> . Acesso em 30 jul. 2023

MESTERS, Carlos; OROFINO, Francisco. **Crescer em amizade**. Uma chave de leitura para o Evangelho de Lucas. 1ª ed. São Paulo: Paulus, 2019.

MOSCONI, Luis. **Evangelho de Jesus Cristo segundo Lucas**. Para ser discípulos missionários, hoje. São Paulo: Loyola, 1997.

MÜLLER, Paulo Eduardo. **A Cristologia na Evangelii Gaudium do Papa Francisco**. Uma abordagem pastoral da pessoa de Jesus Cristo. Porto Alegre, 2018. Disponível em: <<https://tede2.pucrs.br/tede2/bitstream/tede/8459/2/Paulo%20%20Disserta%C3%A7%C3%A3o%20-%20Mestrado%20em%20Teologia%20-Paulo%20PUCRS.pdf>>. Acesso em 20 nov. 2023.

ORÍGENES. **Patrística**: Homilias sobre o Evangelho de Lucas. Vol. 34. São Paulo: Paulus, 2016.

PAGOLA, José Antônio. **Caminho aberto por Jesus: Lucas**. São Paulo: Vozes, 2012.

PATUZZO, Izabel; NAVARRO, Tarlei. E quem é o meu próximo? Uma leitura de Lc 10,25-37 em chave narrativa. **Revista Contemplação**, n. 23, 2020. Disponível em: <<https://revista.fajopa.com/index.php/contemplacao/article/view/261>>. Acesso em: 30 jul. 2023.

PERONDI, I. Lucas: o Evangelho da Misericórdia! **Estudos Bíblicos**, São Paulo, v. 33, n. 130, p. 56–67, 2021. Disponível em: <<https://revista.abib.org.br/EB/article/view/130>>. Acesso em: 22 jul. 2023.

PERONDI, Ildo; CATENASSI, Fabrício Z. Misericórdia, compaixão e amor: o rosto de Deus no Evangelho de Lucas. **Cadernos Teologia Pública**, v. 13, n. 118, 2016. Disponível em: <<https://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/6797-misericordia-compaixao-e-amor-o-rosto-de-deus-no-evangelho-de-lucas>>. Acesso em: 10 nov. 2023.

PIKAZA, Javier. **A teologia de Lucas**. São Paulo: Paulinas, 1978.

SANCHEZ, Tomás Parra. **Dicionário da Bíblia**. Aparecida: Santuário, 1997.

SANTOS, Danilo N. dos, MARCOLINO, Reginaldo. Fratelli Tutti: a cultura do encontro e a educação integral na perspectiva da fraternidade universal. **Revista Contemplação**, n. 25, 2021. Disponível em: <<https://revista.fajopa.com/index.php/contemplacao/article/view/296>>. Acesso em: 10 set. 2023.

SBARDELLA, E. L.; PERETTI, C. Misericórdia: opção fundamental para o agir cristão na atualidade. **Revista Encontros Teológicos**, [S. l.], v. 32, n. 3, 2018. DOI: 10.46525/ret.v32i3.787. Disponível em: <<https://facasc.emnuvens.com.br/ret/article/view/787>>. Acesso em: 10 set. 2023.

SCHMID, Josef. **El Evangelio según San Lucas**. vol. 94. Barcelona: Herder, 1968.

SIMÕES, Cristina A. **Evangelhos Sinóticos e Atos dos Apóstolos**. 1ª ed. Curitiba: Intersaberes, 2017.

SOBRINO, Jon. **O princípio Misericórdia**. Descer da cruz os povos crucificados. Tradução: Jaime A. Clasen. Petrópolis: Vozes, 1994.

SOUZA, Isadora Maria Oliveira. A misericórdia e compaixão no Evangelho de Lucas: inspiração para uma Igreja em saída. **Estudos Bíblicos**, v. 37, n. 144, p. 380-383, 2021.

ULLOA, Boris Agustín Nef. A presença dos samaritanos na obra lucana (Lc-At) Uma análise de sua importância teológica na reconstituição de Israel realizada pelo Messias Jesus, o filho de Jacó. **Revista Atualidade Teológica**, n. 41, 2012. DOI: 10.17771/PUCRio.ATeo.21666. Disponível em: < https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/rev_ateo.php?strSecao=fasciculo&fas=26018&NrSecao=X3&secao=ARTIGOS&nrseqcon=21666 >. Acesso em: 10 set. 2023.